

humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



MANUEL CADAFAZ DE MATOS

Universidade Católica Portuguesa

GIOVANNI PICO, O CULTOR DE LÍNGUAS ORIENTAIS, O AVERROÍSTA E A SUA EPISTOLOGRAFIA.

NO V CENTENÁRIO DA 1ª. EDIÇÃO DOS *OPERA OMNIA*
DO MIRANDULANO

I

Decorre no presente ano o quinto centenário da 1ª. edição dos *Opera Omnia* de Giovanni Pico della Mirandola. Foi efectivamente em 20 de Março de 1496 que na cidade de Bolonha, nos prelos de Benedictus Hectoris, foi terminada a impressão da histórica colectânea dos escritos do jovem e desventurado autor da *Oração sobre a Dignidade do Homem*, coligidos por seu sobrinho, Giovanni Francesco Pico.

Na epistolografia de Pico della Mirandola encontram-se, em diversas passagens, testemunhos do seu interesse — e da necessidade por si sentida — no aprofundamento das línguas orientais. Em várias fases do evoluir da sua formação cultural e espiritual está bem patente, de igual modo, como ele se encontrava capazmente apetrechado para a leitura das fontes (impressas ou manuscritas) que constituíam a sua livraria particular, ou lhe eram facultadas por intelectuais com quem tinha estreitos contactos, designadamente através da epistolografia.

Esse aprofundamento e domínio das línguas orientais era, sabêmo-lo hoje, uma forma de melhor conhecer as fontes documentais que levavam a uma relação estreita com Deus. Só se podia no entanto chegar ao Pai, através de uma melhor e mais sábia captação dos vectores da existência do homem.

No intróito da referida *oratio*, Giovanni Pico é bem preciso quando afirma que o ser humano foi colocado por Deus no centro do Universo, com o dever de estudar o mundo para compreender as leis que o regem e de se estudar a si próprio para compreender as exigências da sua alma. Esse facto explica que ao filósofo de Mirandola se tornasse, desde muito cedo, tão imprescindível uma incursão no domínio das línguas orientais ditas clássicas, para assim melhor poder aquilatar dos desígnios de Deus e dos homens desde os primeiros tempos.

É hoje bem conhecido dos biógrafos de Pico que, na sua adolescência, ele estudou as línguas hebraica, aramaica e árabe. Quando foi aluno das Universidades de Bolonha e, sobretudo, da de Ferrara, aprendeu, para além do grego e do latim, os rudimentos dessas três línguas, tendo-se instruído (também) decerto, nalgumas outras línguas orientais (ao que testemunham diversas passagens dos seus escritos).

Nessas últimas décadas do século XV era habitual considerar-se que sem o domínio daquelas línguas orientais não se poderia atingir o *verdadeiro* conhecimento do Homem, da sua aventura interior, dos seus anseios espirituais. Esse conhecimento só poderia ser propiciado aos *eleitos* que, através de uma utilização correcta das línguas respeitantes a civilizações paleo-cristãs, atingiriam assim a verdade dos dogmas vetero-testamentários e do Cristianismo.

Não poderia conhecer as fontes bíblicas, em termos de exegese – é o próprio Pico quem o confirma na sua obra – sem um domínio cabal das referidas línguas clássicas. Estas permitiriam também, no entanto, um olhar redobrado para as fontes do conhecimento filosófico associado a outros credos. Era o caso de culturas e correntes espirituais como a islâmica, ou outras como a aramaica, siríaca, ou até mesmo egípcia.

Na *Oratio*, Giovanni Pico tinha invocado Asclépios, deus da mitologia grega venerado no Epidauró¹, para relembrar a infinidade dos atributos do homem. Para além dos deuses, no entanto, o filósofo de Mirandola recorria mais frequentemente aos pensadores antigos que considerava seus mestres.

Ele chegou ao domínio do averroísmo graças a, entre outros, Elia del Medigo e Nicoletto Vernia. Considerou sempre Abu al-Walid ibn Ruchd – mais frequentemente conhecido no Ocidente por Averróis² – como um

¹ O deus grego Asclépios corresponde, entre os latinos, ao deus Esculápio.

² Averróis, ao que é bem sabido, foi um distinto médico e filósofo árabe peninsular, natural de Córdoba (1126-1198). Interpretou a Metafísica de Aristóteles à luz do Corão. Exerceu, designadamente, uma conhecida influência em autores portugueses. Vide, a este respeito, os estudos "Averroísmo" e "Averroísmo em Portugal", respectivamente da autoria de F. van Steenberghen e de Francisco da Gama Caeiro, *ELBC*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1965, cols. 124-126; e 126-128. De relevar ainda, a este respeito, Pinharanda Gomes *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, secção "Averroísmo" [por P. G.], Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, pp. 41-47. Tendo Averróis falecido no fim do séc. XII, não chegaram até aos nossos dias retratos com a effigie deste autor cordobense do seu próprio tempo. De não muito tempo depois (relativamente) da sua morte é a miniatura que o representa no códice ["NATUR." (latim): com. Averroes, Albertus Magnus; etc.], Casena, Bibl. Malatestiana: Cod. Plut. XXII, Dext. 3, apresentado por Georgio E. Ferrari/Lia Sbriziolo in catálogo de Exposição *Manoscritti e Stampe Venete dell'Aristotelismo e*

pensador que importava conhecer na própria língua, o árabe, em que ele havia produzido tão insignes obras.



Uma miniatura do filósofo árabe Averróis, num códice medieval existente na Biblioteca Malatetisans de Cesa (Cod. XXII, Dext. 3).

I.1. Génesis do pensamento de Pico

O cultor de línguas orientais – que na segunda metade do presente século encontrou em Portugal, no Prof. Dr. José V. de Pina Martins, um empenhado estudioso³ – nasceu na cidade de Mirandola (topónimo que

Averroismo (Secoli X-XVI), Veneza, Biblioteca Nacional Marciana, 1958, n.º 109, pp. 72-73.

³ José V. de Pina Martins, "Frei António de Beja contra a Astrologia Judiciária". In *As Grandes Polémicas Portuguesas*, dir.º. de Artur Anselmo. Lisboa, Verbo, 1962, 1.º vol. 44 pp. + 11 ils. Idem, *G. Pico della Mirandola, Apologia propositionum suarum*. Texto da ed. de 1532, com um estudo introdutório. Lisboa, o Mundo do Livro, 1963, 44 pp. + 6 grav. no texto + 24 pp. com parte da *Apologia*. Idem, *Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas origens do Humanismo Português*. Sep. de *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, n.º 23, 1964, 40 pp. + 4

nunca andou desligado do nome de autor) em 24 de Fevereiro de 1463⁴. Era filho de Giovanni Francesco Pico, príncipe de um pequeno território que circundava o seu castelo mirandulano, legado de seus antepassados. Desde muito novo, e obedecendo aos princípios educacionais da aristocracia rural de onde provinha, teve alguns mestres que o educaram através dos ideais do humanismo cristão.

Essa abertura de um jovem ao mundo das ideias humanísticas principiava na própria formação, no seio familiar, através do interesse pelas obras da própria livraria do seu clã. Tudo leva a crer, com efeito, que desde cedo passou a ter um estreito contacto com os livros, designadamente com alguns manuscritos ou impressos em línguas de antigos povos do Médio Oriente como o hebraico. Isto era frequente, aliás, na sociedade aristocrática dos seus antepassados.

A livraria familiar do castelo de Mirandola decerto que integrava diversos incunábulos, na tradição de algumas das bibliotecas institucionais e privadas da região, como a do Convento de São Marcos, em Florença. Entre as livrarias privadas, uma das mais notáveis era a Laurenciana Medicea; outra seria, porventura, aquela que havia pertencido a Sozomene de Pistóia⁵, já fora da cidade de Florença.

extra-textos. Idem, *Fr. António de Beja discípulo de Pico della Mirandola*. Sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 3ª. série, nº. 9, 1965. 52 pp. + 10 docs. em extra-textos. Idem, *Jean Pic de la Mirandole: un portrait inconnu de l' humaniste; une édition très rare de ses "Conclusiones"*. Paris, Presses Universitaires de France, 1976, 200 pp. + 25 ils. a preto + 1 extra-texto em quadricromia com o retrato de Pico. Idem, *Marsilio Ficino (1433-1499) e Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) em bibliotecas portuguesas*, Lisboa, 1989, 71 pp. + 34 docs. Idem, *Giovanni Pico della Mirandola na Cultura portuguesa do século XVI*. In *Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época"*. Actas. Porto, vol. V ("Espiritualidade e Evangelização"), 1989, pp.13-53 + 1 retrato em extra-texto + 22 docs. iconográficos no texto, entre outros.

⁴ Dados biográficos mais exaustivos sobre o humanista encontra-os o leitor in Eugenio Garin, *Giovanni Pico della Mirandola, vita e dottrina*, Florença, 1937; Henri de Lubac, *Pic de la Mirandole, Études et discussions*. Paris, Aubier Montaigne, 1974; William Craven, *Pico della Mirandola*, Bolonha, Il Mulino, 1984; ou, mais recentemente, em Jader Jacobelli, *Pico della Mirandola* [com Prefácio de Eugenio Garin], Milão, Longanesi, 1986. Sínteses do contributo de Pico ao pensamento humanístico europeu podem ser encontradas, por exemplo, in *Humanismo y Renascimento*, Selecção de Pedro R. Santidrián, Madrid, Alianza Editorial, 1986, pp. 117-120.

⁵ Registe-se que Sozomene desempenhara as funções de canónico da catedral de Pistóia, até à sua morte, ocorrida cerca de 1458 (portanto cinco anos antes do

A aprendizagem universitário-conventual principiava, no último quartel do século XV, muito mais cedo do que nos nossos dias. Isso explica que, ainda antes de completar 14 anos, Pico passasse a frequentar as aulas de Direito Canónico na Universidade de Bolonha.

A morte da mãe ocorre por essa altura. Mas se tal facto lhe terá trazido um profundo desgosto, o mesmo já não se verificou com o afastamento da sua (eventual) carreira de jurista. Porque esse tipo de matéria não o fascinava, abandonou em definitivo as Leis e, já na vizinha cidade de Ferrara, passou a devotar-se às Letras.

Um dos primeiros mestres do humanista foi – como refere Eugénio Garin, o seu mais abalizados biógrafo – Giovanni-Battista Guarino. Mas ainda não é nesta cidade de Ferrara que se fixa o espírito de Pico, sequioso de novas fontes de saber. Em 1480 vêmo-lo em Pádua, já na altura um dos principais centros transalpinos do "aristotelismo averroísta"⁶.

1.2. Um inter-face filosófico e linguístico paduano: as línguas árabe e latina em confronto

As preocupações sentidas por parte de Giovanni Pico della Mirandola em acompanhar na cidade de Pádua os ensinamentos de averroístas como Elia del Medigo e Nicoletto Vernia atestam claramente, a nosso ver, o seu poliglottismo já nesta época. Não dispomos, apesar de tudo, de abundante

nascimento de Pico). A ele se ficou a dever uma conhecida *Crónica Universal*, de que não nos resta senão uma parte impressa no Tomo XVI da *Colecção de Muratori*. Em 1460 fora feito o inventário dos 116 manuscritos dos melhores autores latinos de que se compunha a sua livraria; estes foram encontrados encadeados nas suas *tablettes*, dando notícia desse inventário o P. Zacharia na sua *Bibliotheca Pistoriensis*. Uma parte de tais testemunhos dessa livraria acabou por integrar a biblioteca de Jackson, cônsul de Sua Magestade Britânica em Livorno. A parte mais substancial da biblioteca de Jackson acabou mais tarde por se incorporar na do Duque de La Vallière (que nasceu em 1708). Vide, a este respeito "Le Duc de la Vallière, ses collections et ses ventes", in *Miscellanées Bibliographiques publiées par Édouard Rouveyre*, Paris, Librairie Ancienne et Moderne, 1880, pp.70 e sgts, em particular pp. 70-71.

Sobre a própria biblioteca de Giovanni Pico remetemos para P. Kibre, *The Library of Pico della Mirandola*, Nova Iorque, 1936.

⁶ Nesta cidade, como veremos adiante, a pesquisa universitária em torno do aristotelismo-averroísta tinha ganho, na década de 70 desse século XV, uma notória dimensão. Esse facto contribuiu para que acorressem a tal burgo, em que repousam as ossadas de Santo António de Lisboa, diversos humanistas ávidos de aprofundar a sua formação aristotélica.

documentação quanto ao seu domínio da língua árabe. Os dados em presença indiciam, no entanto, que uma apreciação substancial de tratados de consagrados averroístas como Medigo e Vernia passava neste tempo, designadamente, pela possibilidade de recorrência às fontes averroístas, de autores árabes que à altura continuavam a circular na Itália do Renascimento.

Podemos estabelecer, assim, três momentos cronológicos de interesse para o conhecimento da progressão dos estudos averroístas em Pádua neste último quartel do século XV. Os dois primeiros períodos decorrem ainda no tempo de vida de Giovanni Pico; o terceiro já se verifica poucos anos depois da morte do mirandulano.

I.2.1. Uma primeira grande geração de averroístas paduanos entre 1472 e 1475: os esforços (tipográficos) de Laurentius Canozius.

É hoje conhecido que entre os tipógrafos que introduziram a sua arte na cidade de Pádua no último quartel do século XV, se contam Bartholomaeus de Valdezoccho, em colaboração com Martinus de Septem Arboribus, (que iniciou o seu trabalho nessa histórica urbe antoniana em 5 de Maio de 1472) e Antonii de Rosellis (c. desta mesma data). Interessa porém, em particular, a este nosso estudo a acção do editor-impressor Laurentius Canozius – ou Lorenzo Canozio – cujo começo de actividade se poderá situar em Setembro-Novembro desse mesmo ano de 1472.

Ligado porventura à universidade local, Canozius sentiu e compreendeu a grande agitação de ideias aí sentida neste começo da década de 70 em torno do pensamento aristotélico-averroísta. Esse facto levou-o a ser o grande divulgador, por via da acção tipográfica, dos comentários de Averróis a Aristóteles. Fê-lo em colaboração estreita com os impressores Johannis Philippi Aureliani e irmão.

Poderemos assim estabelecer, no período que medeia entre Novembro de 1472 e Junho de 1474, a publicação de diversos comentários averroístas ao filósofo grego. São eles [indicando-se primeiro a data de cólofon, seguida do respectivo número de ordem com que são apresentados no *Catálogo de Incunábulos*, de F. G. Craviotto e na secção de incunábulos apresentada por Ferrari-Sbriziolo (no catálogo da mostra veneziana atrás referido), e o respectivo título simplificado].

A — ESPÉCIES INCUNABULARES AVERROÍSTAS COMUNS A CRAVIOTTO E A FERRARI-SBRIZIOLO:

- 22-XI-1472: *De Anima*;
[Craviotto, n.º. 525] / [Ferrari-Sbriziolo, n.º. 119].
- 30-I-1473 *Metaphysica*;
[Craviotto, n.º. 552] / [Ferrari-Sbriziolo, n.º. 121].
[c. 1474] *Parva Naturalia*,
[Craviotto, n.º. 556] / [Ferrari-Sbriziolo, n.º. 127].
- 18-VI-1474 *De Generatione et Corruptione*;
[Craviotto, n.º. 545] / [Ferrari-Sbriziolo, n.º. 125].e
- 24-VI-1474 *Meteorologia*.
[Craviotto, n.º. 553] / [Ferrari-Sbriziolo, n.º. 126].

Para além destas cinco espécies incunabulares averroístas, os autores do catálogo da referida exposição veneziana, referenciam ainda, como tendo sido também impressos por Laurentius Canozius, os incunábulo:

B — ESPÉCIES INCUNABULARES AVERROÍSTAS CONSTANTES APENAS DA CATALOGAÇÃO DE FERRARI-SBRIZIOLO:

- [1473], *De coelo et mundo* [lat.],
com. Averroes; Pádua, L. Canozio, ed. G. F. Aureliani e Frat., 5.III.1473 (-fol, car. got.).
[Ferrari/Sbriziolo, n.º. 122].
- [1473 c.], *Physica* [lat.], com. Averroes;
[Pádua, L. Canozio, 1473 c.] (-fol., car. got.)
[Ferrari/Sbriziolo, n.º. 123]⁷.

⁷ As cinco espécies incunabulares paduanas são inventariadas in *Catálogo General de Incunables*, coordenado e dirigido por Francisco García Craviotto, Dirección del Libro e Bibliotecas, Madrid, 2 tomos, 1989 e 1990.

As espécies referenciadas por Giorgio E. Ferrari/Lia Sbriziolo constam da secção "Incunaboli Veneti" in catálogo da mostra veneziana (indicada atrás na nota 2 deste nosso trabalho). Agradecemos ao Prof. Dr. José V. de Pina Martins o ter cedido temporariamente a edição deste catálogo veneziano para as nossas pesquisas.

Sobre a acção tipográfica incunabular de Canozio em Pádua vide G. Antonelli, *Sulle Opere di Aristotele col commento dell'Averroë, impresse in Padova dal Canozio negli anni 1472, 73 e 74...*, Ferrara, 1842.

Uma perspectiva mais alargada poderá ser propiciada aos estudiosos desta matéria através de uma leitura da obra de T. M. Guarnaschelli e E. Valenziani, in *Indice General degli incunaboli delle bibliotech d'Italia*, Roma, Ministero della Pubblica Istruzione (La Libreria dello Stato), 4 vols. (até ao fim da letra R), 1943-1960.



A edição *princeps* paduana (de cerca de 1473) do Comentário de Averroís à *Física* no belo exemplar miniaturado da Ariosteia, de Ferrara.

Esta actividade tipográfica de Canozius espelha bem, a nosso ver, a aura então reconhecida à cidade de Pádua como capital do averroísmo renascentista. Nessa altura Pico, por ter nascido como se sabe em 1463 –

tendo apenas a idade de 9/11 anos – não poderia naturalmente ter acompanhado, ali, esse surto de importantes estudos na especialidade. Tal movimento criou, no entanto, as condições para que jovens aprendizes dos ideais do Humanismo, como o mirandulano, e outros estudiosos da sua geração, acoressem nesses começos da década de 80 (do séc. XV) a essa cidade.

I.2.2. Os ensinamentos de Vernia e de Elia del Medigo em Pádua e a impressão das suas obras em Veneza

Numa apreciação sumária à acção tipográfica de inspiração averroísta desenvolvida por Canozius em Pádua, poderemos concluir que ela não foi muito longa no tempo. O grande desenvolvimento – e reconhecimento europeu – da laboração tipográfica em Veneza, sobretudo graças à acção desenvolvida por Andreas Torresanus e por seu genro Aldo Manuzio, fez deslocar, pouco depois, para essa cidade o centro de gravidade das edições transalpinas (de fins do período de quatrocentos e começos de quinhentos) dos comentários de Averróis a Aristóteles.

Tal registou-se, com efeito, cerca de uma década depois do *terminus* conhecido da acção tipográfica paduana de Canozius. Alguns impressores venezianos como Andreas Torresanus e Bartholomaeus de Blavis passaram então a publicar, em Veneza, diversas obras *averroístas* com comentários [a outros *comentários* já estabelecidos] e notas de edição, de dois pensadores – ligados à universidade de Pádua –, Vernia e Del Medigo, seguidores do averroísmo.

Essa situação explica o aparecimento em 1483, naquela cidade do Adriático, da obra subordinada ao tema *Liber p'mus ethicor' Aristotelis stragelite [sic] ad nichomacum*. Trata-se da edição do conhecido comentário de Averróis, estabelecida por Nicoletto Vernia.

É deste período a publicação, também na cidade do Adriático – podendo ainda levantar-se a hipótese, posta por Hain, de o livro ter sido impresso em Leipzig, cerca dessa mesma data – poucos meses depois da referida edição, presumivelmente em 1485, da obra *Questio perutilis*, de Frei Gomes de Lisboa, espécie bibliográfica descoberta pelo sábio Prof. Joaquim de Carvalho na Biblioteca Columbina de Sevilha.

Trata-se de uma obra cujo conteúdo se prende, de igual modo, com a problemática do averroísmo renascentista. Segundo estabeleceu Queiroz Velloso, director da Comissão da Bibliografia Geral Portuguesa, em 1944, "a *Questio*, que Barbosa Machado julgava inédita, é uma refutação das

ideias do filósofo paduano Nicoletto Vernia sobre o sujeito da filosofia natural"⁸.

O mesmo contexto cultural e tipográfico veneziano permite, de igual modo, compreender a publicação, na mesma cidade, de não menos impor-

⁸ A edição de Nicoletto Vernia é recensada por Rosemarie Erika Horch, in *Catálogo de Incunáveis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, RJ, Ministério da Educação e Cultura, 1956, n.º 11, pp. 41-42. Vernia nasceu cerca de 1420, foi médico cultivando, antes da Medicina, a Filosofia. Veio a manter o magistério até cerca de 1499, altura da sua morte, meia dezena de anos após o desaparecimento de Giovanni Pico. Sobre Vernia vide Bruno Nardi, *Saggi sull'Aristotelismo Padovano del secolo XIV al XVI*, ed. G. C. Sansoni, Florença, 1958, (em particular os caps. V e VI). Considerado ainda incunábulo é o comentário de Nicoletto Vernia inserido na obra colectiva, de AEGIDIUS ROMANUS, *In Aristotelis, De generatione et corruptione commentum*; MARSILIUS DE INGHEN, *Quaestiones in Aristotelis, De generatione et corruptione*; NICOLETUS VERNIA, *Quaestio de ente mobili*, saído em Veneza, do prelo de Otinus de Luna, em 12 de Março de 1500, existente, designadamente, na Biblioteca Nacional de Madrid e reportoriado por Craviotto, in *Catálogo General de Incunables...*, n.º 64, t. 1, p. 12.

Importará ainda aquilatar, nesta teia de relacionamentos e inter-influências, o papel que o próprio Vernia – e quem sabe se não também o próprio Pico? – teve no português Gomes de Lisboa, que à altura se encontrava em Itália. A essa questão deu já algum contributo o sábio professor Joaquim de Carvalho (vide adiante, nesta nota), em estudo remetido em Fevereiro de 1948 à viúva de Cláudio Basto e publicado no volume de homenagem a este filólogo minhoto.

Vide, ainda, os estudos do Prof. Joaquim de Carvalho, "Gomes de Lisboa e o averroísta Nicoletto Vernia", in *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XV*, vol. 1, Coimbra, 1949.

A edição de Elia del Medigo é inventariada por Georgio E. Ferrari/Lia Sbriziolo, *Manoscritti e Stampe*, catálogo cit. [1958], n.º 148, p. 90.

Sobre esta edição da aludida obra de Frei de Lisboa, existente na biblioteca sevilhana, vide para além dos conhecidos estudos do Prof. Joaquim de Carvalho, o texto da edição [de Veneza, 1517], *Questio perutilis de cuiuscunque scientiae*. Esta obra do franciscano foi objecto de uma tradução para a língua portuguesa, subordinada ao título *Questão muito Útil sobre o Objecto de qualquer Ciência*, com introdução e notas do Prof. Joaquim Cerqueira Gonçalves, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1964. Vide ainda, para um maior enquadramento geral da problemática averroísta, a obra de E. Renan, *Averroès et l'Averoisisme*, Paris, 1852; e para uma compreensão global do problema em autores portugueses, vide A. Moreira de Sá, *Humanistas portugueses em Itália*, [Aristotelismo, Ciência Escolástica, Escotismo, Falsafa, Tomismo], Lisboa, 1966.

A passagem do texto de Queiroz Velloso referente à posição anti-verniana de Frei Gomes de Lisboa encontra-se in *Bibliografia Geral Portuguesa, Volume II, Século XV*, Lisboa, Academia das Ciências/Imprensa Nacional, 1944, pp. XIX-445 (descrição da ed. *Questio perutilis* [1485]).

tantes comentários de Averróis, sobre a responsabilidade de Elia del Medigo. Poucos anos depois daquela data, em 1488, saiu com efeito de Averróis o *Compendium in Meteorologica Aristotelis*, trad. Helias Cretensis (Elia del Medigo), *Tractatus cui inscribitur littera L seu Lauda ex libro medicinae* [lat.]; Veneza, A. Torresani, 21.VIII.1488 [-fol., car. got.]

Não andaremos, decerto, muito longe da verdade, se admitirmos a hipótese de estes comentários – tanto os de Nicoletto Vernia como os de Elia del Medigo – terem sido o resultado de ensinamentos que aqueles mestres inculcaram a jovens humanistas que frequentaram as suas classes na Universidade de Pádua nesses começos da década de 80, como Giovanni Pico della Mirandola.

Em paralelo com essas edições, outras se verificaram no mesmo período. Entre os mais antigos incunábulos hoje conhecidos com textos de Averróis e/ou seus comentadores, dados à estampa em Veneza, conta-se ainda o saído do prelo de Henricus [Zeni] de Sancto Urso, naquela cidade, entre 21 de Setembro e 16 de Outubro de 1486: ... *Johannes de Janduno: Expositio et quaestiones super librum De substantia orbis, cum textu Averrois*, [obra referenciada in *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, ed. coordenada e dirigida por Francisco García Craviotto, Madrid, Direccion General del Libro y Bibliotecas, 1989, T. 1, nº. 2544, p. 399].

Em 1489, por sua vez, foi editada, no mesmo burgo uma obra em cinco tomos, intitulada [1º tomo] *Proemium Auerrois in libros physicorum... Aristotelis stagyrite peripateticorum p'ncipis de physico auditu liber p'mus / Auerrois cordobensis commentaria*; [2º tomo] *Aristotelis stagyrite peripateticorum p'ncipis de celo & mundo liber p'mus: cum Auerrois cordobensis expositione* [+ tomos 3 a 5], referenciada no *Catálogo de Incunábulos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, por Narciso de Azevedo, em 1953, sobre o nº. 37.

Esta nova obra – a *Física* aristotélica – saiu da oficina de Bernardinus [Staginus], em Setembro daquele ano, em cinco tomos. Não conhecemos o editor, livreiro, ou *ordenante* deste livro de B. Staginus, também conhecido em documentação da época por Bernardinus de Tridino de Monteferrato. Não seria estranho, no entanto, que o próprio tipógrafo tomasse tal iniciativa editorial nesse ano, com vista a servir sobretudo – e colher os respectivos rudimentos pecuniários – os estudantes do pensamento aristotélico-averroísta em cidades como Pádua, Veneza, Florença, Roma, Milão, Paris ou Colónia.

I.2.3. Pico estudioso do aristotelismo averroísta: para uma hermenêutica do acto de tradução/interpretação

Foi em Pádua, efectivamente, que o pensador Elia del Medigo dirigiu os primeiros estudos de especulação oriental de Pico, o que o levou a permanecer nessa cidade – numa ou mais estadias, não o sabemos – desde pelo menos Dezembro de 1480 até à Primavera de 1482. Tal verificava-se mais de meia dúzia de anos depois do *terminus* conhecido da acção tipográfica averroísta de Canozius nessa cidade; e um pouco antes, portanto, desse significativo momento áureo de edições averroístas em Veneza.

Não dispomos de dados exactos quanto ao início da relação entre o jovem Giovanni Pico e os averroístas Elia del Medigo e Nicoletto Vernia. Do primeiro chegaram até aos nossos dias importantes obras manuscritas e impressas. Contam-se entre elas, um resumo da *República* de Platão, redigido por Averróis, que o próprio Del Medigo se encarregou de traduzir nesta época para latim (ao que nos comunicou em 1987 em Florença o Prof. Eugenio Garin).

É possível que, nos estudos desenvolvidos por Pico junto de Nicoletto Vernia – e provavelmente também junto de Elia del Medigo – ele tenha tomado contacto com variadas fontes, manuscritas, redigidas em língua arábica, para um melhor conhecimento da obra de Averróis.

Se nos escritos de Giovanni Pico se encontram referências encoimásticas à obra de Nicoletto Vernia, a mesma verdade se aplica às menções feitas, pelo mesmo, a Elia del Medigo. Constitui hoje um dado de inequívoca veracidade, a reverência com que os humanistas florentinos, paduanos e venezianos daquela época – sobretudo das camadas mais jovens – trataram, nos seus escritos, o contributo espiritual e científico de pensadores de grande craveira como Vernia e Del Medigo, essencialmente até fins do século XV⁹.

⁹ Importará referenciar entre os comentadores transalpinos de Averróis, que figuram em edições venezianas, no período posterior à morte de Pico, o nome de Helias Hebraeus. A este comentador averroísta se ficou a dever a edição *Quaestio in Analytica priora Aristotelis* [com comentários de] *Averrois*, que se insere no mesmo volume onde figura uma obra de Laurentius Maiolus, *Epiphylides in dialecticis*. Esta obra dual saiu impressa em Veneza, no prelo de Aldo Manuzio em Julho de 1497, três anos após o desaparecimento de Pico, e é referenciada por Maria Valentina Sul Mendes in *Catálogo de Incunábulos da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1988, n.º. 815, p. 236. Sabemos que tal obra chegou a esta situação explícita de *impresso* a partir de uma fonte redigida presumivelmente em hebraico. Os trabalhos de tradução estiveram precisamente a cargo de um humanista, de credo

Não se conhecendo em rigor até que ponto eram profundos (ou não) os conhecimentos, por parte de Pico, da língua arábica, será mais prudente afirmar-se hoje que ele terá conhecido melhor o hebraico. De originais dessa língua se terá servido, certamente, para os seus estudos de natureza cabalística e, até, averroísta.

O grande problema que hoje se coloca aos investigadores – sobretudo aqueles que se preocupam com a circulação no período de quatrocentos de textos com comentários aristotélico-averroístas – é o da distinção, em termos de hermenêutica, de contornos não muito claros da *tradução* à *interpretação*.

Esse problema da interpretação já radica nos próprios escritos aristotélicos. O filósofo estagirita, no tratado *Peri hermeneias*, define *hermeneia* referindo-se à "operação da mente que formula juízos que têm a ver com a verdade ou falsidade das coisas". Neste sentido, a interpretação é a operação fundamental do intelecto quando formula um juízo verdadeiro sobre uma coisa¹⁰.

Os juízos, na perspectiva de Aristóteles, são definidos como um discurso onde há *verdade* ou *falsidade*. A Retórica e a Poética situam-se, assim, fora do âmbito do tratado de interpretação, na medida em que "tendem a comover o ouvinte"¹¹. Deste modo, um crítico literário chamará interpretação à análise que faz de uma dada obra. Mas seria de igual modo correcto chamar interpretação à forma como ele vê essas mesma obra¹².

Importa sublinhar, porém, que a "compreensão que serve de base à interpretação" já condiciona, de algum modo, essa interpretação, constituindo, no fundo, "uma interpretação preliminar", que irá condicionar

judaico e cujo nome é dado à estampa com a elucidativa denominação de *Helias Hebreu*.

No mesmo ano saiu naquela cidade, do prelo de Bonetus Locatellus, a obra de Averróis intitulada *Destructiones destructionum cum Augustini Niphi de Suessa expositione*, livro referenciado por Narciso de Azevedo, no *Catálogo dos Incunábulo da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, ed. cit. ant., n.º 45, pp. 91-93. Ainda em 1497 saiu do prelo veneziano de Otinus de Luna – inserido na obra *Theizir Dahalmodana Vahaltadabir*, de Avenzohar, o *Liber de medicina*, de Averróis. A respeito desta última obra, vide Narciso de Azevedo, *Catálogo cit.*, n.º 44, pp. 89-91. Parte destas informações bibliográficas, quer sobre Averróis quer sobre Avenzohar, devemos-las à Dra. Maria Valentina Sul Mendes, coordenadora do levantamento de incunábulo em bibliotecas oficiais portuguesas (que no-las comunicou por carta de 16 de Abril de 1996).

¹⁰ Richard E. Palmer, *Hermenêutica*, Lisboa, Edições 70, 1986, p. 31.

¹¹ *Idem*, p. 32.

¹² *Idem*, p. 33.

toda a interpretação subsequente. Neste sentido "todo o método é já interpretação"¹³.

Estas achegas, nossas contemporâneas, à compreensão da hermenêutica, no seu sentido histórico, permitem-nos proceder ao levantamento do horizonte hermenêutico de Pico e de outros humanistas da sua geração nos actos de *tradução e interpretação* das fontes de que então se serviam. Estas mesmas fontes, num tal horizonte de tradução-interpretação, eram muitas vezes recriadas. Em alguns desses momentos *criativos* – se não muitos – tais fontes eram objecto de *apropriação* como terreno de conhecimento científico próprio.

I.2.4. Textos de Averróis chegados ao latim renascentista através da língua hebraica

Ao já aludido «desconhecimento», por parte de Pico, dos fundamentos da língua arábica, outros autores propõem em contrapartida – e podendo estar certos – o seu maior conhecimento das línguas hebraica e grega. Diremos, a este respeito, que a hipótese que se nos afigura hoje como mais categórica é a de ele, sabendo os rudimentos da língua arábica (captados porventura na universidade bolonhesa), poder ter lido os comentários averroístas produzidos no seu tempo por mestres como os de Pádua, através de versões em hebraico dos mesmos.

Assim, o exemplo que melhor poderá ilustrar esta acção de conversão linguística – em segunda ou terceira via – dos tratados averroístas para o latim renascentista de então, é o comentário, já referenciado, *Quaestio in Analytica priora Aristotelis / Averroes*, impresso por Aldo Manuzio em 1497, em tradução de Helias Hebraeus, espécie existente na Biblioteca Nacional de Lisboa [inserida no incunábulo n.º. 815]. A formação deste tradutor – embora não disponhamos de dados mais explícitos a tal respeito – indicia, com efeito, que a sua versão decorreu a partir de uma fonte hebraica, que tanto pode ter sido *manuscrita* como *impressa*, então em circulação em universidades como as de Pádua e Veneza.

I.2.5. Pico hebraista, seguidor de Nahamanides

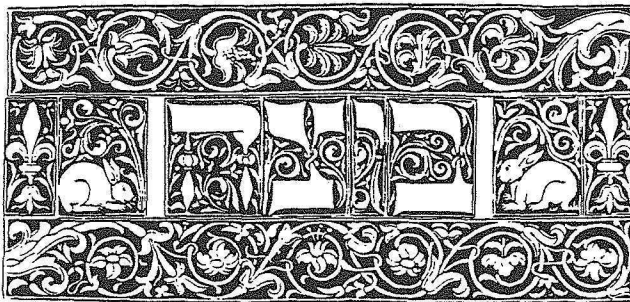
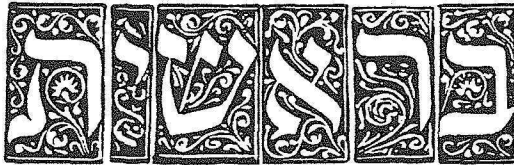
Não restam hoje dúvidas de que, na produção de algumas das suas obras, Giovanni Pico se socorreu também, designadamente, de algumas fontes manuscritas e impressas em caracteres hebraicos. Isso permite provar, pelo menos, a sua significativa preparação para tal se poder verificar.

É evidente que quando saiu impressa em Veneza a referida tradução da obra de Aristóteles/Averróis, por Helias Hebraeus, em 1497, era

¹³ Idem, *ibidem*.

impossível Pico a ter lido, em letra de forma. Não é, no entanto, totalmente improvável que ele mesmo tenha compulsado um dos códices, em que circulava, em hipotéticas vias paralelas, a obra manuscrita.

Mais provável, porém, é que entre outras obras impressas hebraicas constantes da sua biblioteca e por si estudadas, se terão contado incunábulos saídos da oficina de Joshua Salomon Soncino, em Cremona, como aquele que, de capitulares ornamentais de fino recorte gráfico – com elementos arbóreos e animais [coelhos] – foi dado à estampa em 1483. Estes históricos incunábulos cremonenses de J. Salomon Soncino, antecederam outros publicados na mesma cidade por Bernardinus Misinta e Caesar Parmensis [1492], Petrus Maufer [1494] e Carolus de Darleriis [1495-1497].



O impressor hebraico Salomon Soncino esteve activo, na cidade transalpina de Cremona – cidade de onde proveio o tipógrafo João Pedro Buonhomini, que esteve activo em Lisboa a partir de começos do século XVI – e aí utilizou estas letras ornamentais que a gravura documenta.

É hoje reconhecido que Pico, como hebraísta e cabalista, foi também um leitor – e porventura possuidor de uma ou mais edições da obra – dos *Comentários ao Pentateuco* do talmudista geronense Moses ben Nahman. Os impressores Obadiah, Manasseh e Benjamim de Roma – estabelecidos e activos em Itália entre c. de 1469 e 1475 – haviam editado nessa cidade, entre 1469 e 1472, esses *Comentários* de Nahamanides, em língua hebraica.

Tudo nos leva a crer que foi essa a edição *romana* (ou porventura uma cópia em códice) que terá integrado a livreria pessoal de Pico. Se isso puder vir a ser comprovado, tal permitirá solidificar a situação específica de Pico como leitor, uma vez mais, de obras em línguas orientais, no caso vertente a língua hebraica.

I.3. As duas viagens de Pico a França, a edição das *Conclusiones* e o infausto destino de um corajoso projecto

Não sabemos, com precisão, se a decisão de Giovanni Pico de fazer a sua primeira viagem a Paris, ocorre ainda no final da sua estadia em Pádua ou no seu regresso a Florença (ou eventualmente às terras do seu condado em Mirandola). Os seus biógrafos registam que, no Inverno de 1482/83, ele se desloca, porventura com alguns dos seus servidores mais próximos, para a capital francesa.

Nesta cidade, Pico tem os primeiros contactos com a "orientação escolástica", em que virão a pontificar – ou haviam pontificado – intelectuais de renome, como Robert Gaguin¹⁴, Erasmo de Roterdão, Guillaume Budé ou Rabelais.

Ainda na primeira metade desses anos 80 (supostamente em finais de 1483) Giovanni Pico – de novo em Itália – passa a viver em Florença. Também nessa cidade, berço dos ideais humanísticos, se havia notabilizado, já algumas décadas atrás, o religioso português D. Frei Gomes¹⁵.

¹⁴ Deste autor é a obra *Historia Francorum*, com edição *princeps* parisiense de 1495, onde se inclui o primeiro texto *impresso* de Erasmo de Roterdão. Esta obra beneficiou de uma nova edição em 1520, de que existe um exemplar na Livreria Humanística de História da Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa – LHITIPOR (espécie anteriormente existente na Biblioteca de Estudos Humanísticos, em Lisboa). De registar que Robert Gaguin havia saudado na Universidade de Paris o rei português D. Afonso V, quando ele aí se deslocara em fins de 1476 ou princípios de 1477, no âmbito da sua acção de política externa.

¹⁵ D. Frei Gomes, (c. 1383-Coimbra 1459), escolástico [não confundir com Frei Gomes de Lisboa, que se opôs teoricamente a Nicoletto Vernia].

Registe-se a propósito, e na sequência de criteriosos estudos dedicados à figura deste eclesiástico, como os de Borges Nunes, que D. Frei Gomes foi nomeado

Nos primeiros meses de 1484, Giovanni Pico della Mirandola aprofundou em Florença as suas relações de amizade com outro humanista, Marsilio Ficino. Este tinha acabado de dar à estampa a sua versão comentada do *corpus* platónico. Pico convenceu-o "a verter em latim a obra de Plotino"¹⁶.

Em 1485, Giovanni Pico encontra-se de novo a caminho de Paris. Procura, então, estreitar mais os seus conhecimentos com a filosofia tomista e escotista. É nessa cidade que o jovem de Mirandola – com 22 anos apenas – enfrenta o ambicioso projecto de reduzir a 900 teses o pensamento científico, filosófico e teológico do seu tempo.

O projecto concebido em Paris só virá a ganhar forma, depois de Pico deixar a França. De novo em Itália, ainda em 1485 – e cerca de três anos depois de ter deixado de frequentar na Universidade de Pádua as aulas de Nicoletto Vernia –, este jovem, já amadurecido por profundas reflexões filosóficas procura, na opinião de Pina Martins, "reduzir todo o scibile a 900 teses"¹⁷.

Essas *conclusões*, redigidas, com o auxílio de Elia del Medigo, acabam por ser publicadas em Roma¹⁸ no ano seguinte. Aspecto pertinente é que tais teses "deviam ser defendidas em Roma perante um público formado por estudiosos que aceitassem o desafio da disputa, fixada para depois da Epifania de 1487"¹⁹.

O Papa não aceitou, porém, esse desafio, susceptível de embaraçar a ortodoxia. E negando a realização da *disputa* – que já não havia agradado a alguns amigos pessoais do autor, como o humanista veneziano Ermolao Barbaro (com o qual tivera em 1485 uma curiosa correspondência, aliás já

superior da abadia de Florença em 1420, depois de aí estar dois anos ao serviço como sacerdote. Giovanni Pico não podendo ter já conhecido esse religioso português, ter-se-á apercebido, no entanto, da importante acção por ele aí desenvolvida, em particular na basílica florentina de S. Miniato al Monte, também associada ao cardeal D. Jaime, filho do Infante D. Pedro. Vide B. Nunes, *Dom Frey Gomez*, vol. 1, 1963.

¹⁶ José V. de Pina Martins, *Cultura Italiana*, Lisboa, Ed. Verbo, 1971, 306 pp. + 8 gravs. no texto.

¹⁷ *Idem*, *ibidem*.

¹⁸ Sendo a edição *princeps* desse ano de 1486, a segunda edição é de 1532. O volume saiu impresso em Nuremberga, por Ioannes Petreius.

¹⁹ J. V. Pina Martins [1971], *ed. cit.*

divulgada e posta em relevo por Eugénio Garin) – condenou por suspeição de heresia 13 das teses a apresentadas²⁰.

²⁰ Jader Jacobelli, in *Pico della Mirandola*, (ed. cit. atrás in n. 4) [1986] pp. 96-98, publica as 13 teses de Pico que foram condenadas:

I. *A alma de Cristo, que durante os três dias em que o corpo esteve no sepulcro, desceu ao inferno, não pôde, na realidade, habitar lá, como afirma S. Tomás de Aquino, mas só operativamente.* Julgada "falsa, errónea e herética".

II. *Um pecado mortal limitado no tempo não pode ser punido com uma pena eterna.* Julgada "falsa, errónea e herética".

III. *Não se deve adorar nem a Cruz de Cristo, nem nenhuma outra imagem, porque isso seria idolatria.* Julgada "escandalosa, ofensiva para os ouvidos piedosos e contrária aos costumes".

IV. *Deus não pode assumir uma natureza qualquer, mas apenas uma natureza racional.* Julgada "de sabor herético", se bem que seja paradoxal que Deus possa assumir, por exemplo, a natureza do demónio .

V. *Não é do livre arbítrio do homem crer que um artigo de fé seja verdadeiro ou falso, com base no seu próprio interesse, mas partindo de um juízo racional.* Julgada "errónea e suspeita de heresia".

VI. *É mais razoável pensar que Orígenes, que errou mas morreu mártir da fé, seja redimido e não considerado uma alma danada.* Julgada "temerária e reprovável com sabor de heresia".

VII. *Nenhuma ciência pode convencer da divindade de Cristo mais do que a magia natural e que a Cabala.* Julgada "falsa, errónea e herética".

VIII. *A doutrina da transsubstanciação [a conversão da substância do pão e do vinho na do corpo e sangue de Jesus durante a Eucaristia], tem que ser entendida com o significado de que a potência de Deus torna possível a existencia do pão, embora a sua essência se tenha modificado no corpo e no sangue de Jesus.* Julgada "falsa e errónea".

IX. *Se se adota a doutrina corrente segundo a qual Deus pode assumir a natureza de qualquer coisa criada, o corpo de Cristo não pode estar presente sobre o altar sem a mutação da substância do pão.* Julgada "errónea".

X. *A expressão "este é o meu corpo" pronunciada pelo sacerdote durante a Eucaristia deve ser interpretada materialmente como se a dissesse Cristo, não simbolicamente.* Julgada "escandalosa e contra a opinião comum da Igreja".

XI. *Os milagres de Cristo são uma prova certa da sua divindade, não por causa dos factos em si, mas pelo modo em que foram feitos.* Julgada "ambigua".

XII. *É mais impróprio dizer que Deus é intelegente, dada a sua infinita transcendência, que atribuir racionalidade aos anjos.* Julgada "falsa e passível de interpretação herética".

XIII. *A alma conhece-se directamente a si mesma através de uma compreensão íntima, directa e permanente [auto-consciência].* Julgada "falsa".

Agradecemos à nossa colega, Prof. Besi Manupella, a colaboração na versão em língua portuguesa de algumas das passagens deste texto de Pico (em língua italiana) que se nos afiguravam mais dúbias.

Inocência VIII nomeou uma comissão inquisitorial para o efeito. Giovanni Pico defendeu-se galhardamente daquilo que era acusado. Chegou mesmo a pôr em causa os membros dessa comissão, tomando-os como ignorantes. O humanista viu-se forçado, no entanto, a retratar-se em Março de 1487.

I.4. *A Apologia e as suas motivações*

O humanista não podia, porém, aceitar aquele vexame. Passou, assim, a redigir a *Apologia*, que em breve viria a ser publicada também em Roma. A edição *princeps* apresenta, no cólofon, a data de 31 de Maio de 1487. Os trabalhos tipográficos estiveram a cargo do impressor Francisco del Tuppero. Em consequência desta publicação, o mirandulano sofreu, por parte da Cúria romana e da Inquisição, vários agravos que viriam a culminar na sua prisão.

Três meses depois, mais precisamente em Agosto (de 1487), o Papa decidiu condenar integralmente as teses de Pico. Um breve pontifício recomendava, de imediato, a todos os príncipes cristãos, a detenção daquele *ousado* autor. Para não ser preso, este jovem de 24 anos, tão sensível ao universo cultural francês (que por diversas vezes o acolheu, manifestando-lhe o seu carinho e compreensão) parte de novo para França.

A sorte, porém, continua, a ser-lhe adversa. Em Janeiro de 1488, nas imediações da cidade de Lyon, acaba por ser preso. A obediência a Roma e as decisões impositivas do breve pontifício produzem, também ali, os seus efeitos.

Na Primavera desse ano, o jovem humanista *herético* vê-se, no entanto, restituído à liberdade. A Universidade de Paris havia proibido a circulação da *Apologia* deste seu antigo aluno. A sua libertação não foi, no entanto, estranha à alta consideração em que o tinham alguns dos mais famosos intelectuais franceses do seu tempo.

Logo após o reassumir da liberdade física, Pico aceita o convite que lhe é feito por Lourenço o Magnífico, senhor de Florença, para se fixar na cidade do Arno²¹. Passa, assim, a viver numa resi-

²¹ Da vasta bibliografia laurenciana referenciamos aqui apenas, em síntese, o estudo de Ivan Cloulas, *Laurent le Magnifique, le Prince de la Renaissance*, Librairie Arthème Fayard, 1982, nova ed., Marabout, 1984. Quanto à identidade e especificidade da sua produção literária, remetemos para Lorenzo de' Medici, *Poemi*, com Prefácio de Giovanni Papini, Lanciano, R. Carabba, Editore, 1934 [onde se integram, designadamente, *Le Selve d'Amore*; *Corinto*; *Gli Amori di Venere e Marte*; *Ambra*; *L'Altercazione*; *La Nencia di Barberino*; *La Caccia col Falcone*; *Il Simposio ovvero I Beoni*].

dência solarenga posta à sua disposição, localizada nas colinas de Fiesole²².

O alto conceito em que o humanista Giovanni Pico era tido por alguns dos seus confrades – e frisemos de entre eles Poliziano, Ficino e Savonarola – resultava essencialmente da profunda reflexão teórico-religiosa bem patente nas suas obras. Provinha também, por outro lado, da *De Hominis Dignitate Oratio* – que até então havia circulado entre os seus amigos mais próximos. Esta *Oratio* é considerada Eugenio Garin como "um dos textos mais altos do pensamento quatrocentista". Foi escrita entre Outubro e Novembro de 1486 na localidade de Fratta, nas imediações da cidade de Perugia e, na opinião do mesmo historiador do Humanismo, patenteia uma cultura e, sobretudo, uma vivência espiritual que não se encontra na maioria das obras daquele período²³.

A redacção e edição da *Apologia*, por Pico, em 1487 constituiu, de facto, na importância espiritual dessa obra, como que um complemento – em termos temporais e na sua vivência do espírito – da *oratio* tão apreciada pelos seus confrades humanistas.

I.5. A cultura hebraica e árabe piquiana complementada na cultura grega

Esta fase (evolutiva) do humanismo de Giovanni Pico continua a desenrolar-se numa nítida conciliação do seu pensamento cristológico com as fontes da cultura grega e hebraica, tanto perspectivada através do averroísmo aristotélico de Vernia e de Del Medigo, como através do pensamento de outros autores clássicos como Isócrates [Atenas, 436-338 AC].

Foi pouco depois de ele ter redigido a *Oração sobre a Dignidade do Homem*, que saiu impressa – por que comentador não sabemos – no prelo de Henricus [Zeni] de Sancto Urso, em Veneza (entre 21 de Setembro e 16 de Outubro de 1486), a já aludida obra: [...] *Johannes de Janduno: Expositio et quaestiones super librum De substantia orbis, cum textu Averrois*. Não

²² Esta casa situava-se nas imediações do local onde, por volta de 1400, tinha nascido o pintor Fra Angelico.

²³ Eugenio Garin, *La Revolución cultural del Renacimiento* [1ª. ed. ital., 1967], Barcelona, Editorial Crítica, com prólogo de Miguel Angel Granada, 1984, pp. 161-196, cap. dedicado a Giovanni Pico. Uma perspectiva de conjunto ou de enquadramento geral da produção humanística do mirandulano no contexto das ideias espirituais do seu tempo, encontra-a o leitor em uma outra edição espanhola do mesmo biógrafo de Pico. Vide Eugénio Garin, *El Renacimiento italiano* [ed. ital. de 1980], Barcelona, Ed. Ariel, 1986.

dispomos de dados precisos se Pico possuiu esta espécie incunabular e muito menos se a leu. Sabemos, no entanto, que nesse período de 1486-1489, continuava a manifestar-se no mirandulano um significativo apego à corrente do averroísmo. Tal verificava-se através de fontes tanto em língua arábica como hebraica que possuiu e leu, como se pode testemunhar através de uma leitura atenta dos estudos de Kibre sobre a sua livraria.

Estes interesses de leitura por parte de Pico coincidem também, com o aprofundamento dos seus conhecimentos da língua grega. O humanista poderá ter estudado igualmente nesta época essa língua através de outras obras incunabulares. Foi o caso da saída do prelo do impressor Udal Scinzenzeler, na cidade de Milão, então dotado, pelo menos, de um conjunto tipográfico de caracteres gregos utilizado na execução da obra *Orationes*, de Isócrates, em Janeiro de 1493²⁴.

Estes caracteres gregos daquele tipógrafo milanês apresentam, no entanto, desenho diferente dos caracteres gregos utilizados em 1498 – quatro anos após a morte de Pico – por Aldo Manuzio, em Veneza, na impressão de *Comoediae Novem, Graece cum Scholliis a Marco Musuro editae*, de Aristófanos²⁵.

1.6. Do *Commento alla Canzone d'Amore* ao *De Ente et Uno* de Pico e aos seus interesses na astrologia judiciária

Antes do acolhimento e protecção que Lourenço de Médicis dispensou a Giovanni Pico, a obra deste último não se havia ainda afirmado ao nível de uma grande dimensão cultural. A partir de então, porém, os seus trabalhos conheceram um significativo esplendor, que se prolongou, sobretudo, até 1492 (dois anos antes do seu desaparecimento).

Este é o período do auge, por assim dizer, da vida intelectual de Giovanni Pico. Numa carta, escrita em Antuérpia em 29 de Setembro de 1516, Erasmo de Roterdão confessará a um seu amigo, o humanista Johann Reuchlin:

(...) Como ousas falar de infelicidade, tu que tiveste a oportunidade de visitar Itália em tão admiráveis anos, quando ai floresciam Angelo Poliziano, Agricola, Ermolao Barbaro e Giovanni Pico della Mirandola?

²⁴ *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, ed. cit., n.º. 3077, t. I, p. 488.

²⁵ Sobre este incunábulo milanês aqui referenciado, existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, vide Narciso de Azevedo, *Catálogo...* cit., n.º. 35, pp. 65-68.

ראשת
גדימ
אדתי
את

תשמים ואת תאריו ותארין
תחת לחן וכחו וקשר על
פני תרנים וידת אזליים
בדפתי על פני רמיס ותמידי
אלים שי אד ויד אד וידא
אדלים את תמור כוס כן
וכדל אדלים כן תמור וכך
תחדש ויקרא אדלים תאר
ים וחדש כרא לית ויחי
עירוב דבקר ים אתרו
ואביר אדלים תורנית כוד
תמים וירוב ירבין אית
למים וחדש אדלים אית
תקע ודכדל כן ריטם אשר
סמתית תקע וכן חמיס א
אשר סגל לתקע וידבק ו
תקרא אדלים לתקע שמים
ועירוב דבקר ים שמי
ועאמ אדלים יתן

חמיס כתחת תשמים אד
במים אד ורניא תבנית
ודכדל אדלים חלבית
אדן ולסקח חמיס כדרא
תמיס וקרא אדלים כמיס כן
ועאמ אדלים תי סא תארין
דשא עשב כועת דע עקפרי
עשאר פוליסמי אדן ויעיכו
על תארין תדקון ורניא
תארין וסא עשב מיעד ויע
לסטר תען עשאר פרי אשר
וערוב לסטר דאדלים
כימיס וידי עירוב דבקר
ועאמ אדלים יתן
אלים יתן סגרת כדקע
תשמים לכדל כן כדום
וכן תתיל ויד לאדית ו
ולכועת ולסטר תשמים ווע
לסארת סקע דשמיס
למאד על תארין מדי קבו ו

N^o principio creavit
deus caelum, & ter
ram, terra autem erat
inanis, & uacua, &
tenebrae erant super
faciem abyssi, &
spiritus domini ferebatur
super aquas, dixitque
deus fiat lux, & facta
est lux, et uisit deus
lucem, quod esset bona,
& diuisit lucem a tene
bris, appellauitque
lucem diem, & tene
bras noctem, factumque
est uespere, & manebat
dies unus, dixit
quoque deus fiat firmam
entum in medio aquarum,
& diuidat aquas ab
aquis, & fecit deus firmam
tuum, diuisitque aquas,
quae erant sub firmamento
ab iis, quae erant super
firmamentum, & factum
est caelum, & factum
est uespere, & mane
dies secundus, dixit
uero deus, congregentur
aquae quae sub caelo
sunt in locum unum,
& appareat arida, &
factum est ita, & uocauit
deus aridam terram,
& congregationes aquarum
appellauit maria, &
uidit deus quod esset
bonum, & ait germinet
terra herbas uirentem,
& facietem fenum,
& lignum pomiferum
iuxta genus suum, cuius
fenum in fucetio lit
supertam, & factum
est ita, & prulit terra
herbam uirentem, &
facietem feni iuxta
genus suum, lignumque
facietis fructum suum,
& habens unum quod
speciem suam, et uidit
deus quod esset bonum,
& factum est uespere,
& mane dies tertius,
dixit autem deus, hiant
luminaria in firmamento
caeli, & diuidant diem,
ac noctem, & sint in
signa, & tempora, &
dies, & annos, & luceant
in firmamento caeli, &
illuminent terram, &
factum est ita.

N^o principio creavit
deus caelum, & ter
ram, terra autem erat
inanis, & uacua, &
tenebrae erant super
faciem abyssi, &
spiritus domini ferebatur
super aquas, dixitque
deus fiat lux, & facta
est lux, et uisit deus
lucem, quod esset bona,
& diuisit lucem a tene
bris, appellauitque
lucem diem, & tene
bras noctem, factumque
est uespere, & manebat
dies unus, dixit
quoque deus fiat firmam
entum in medio aquarum,
& diuidat aquas ab
aquis, & fecit deus firmam
tuum, diuisitque aquas,
quae erant sub firmamento
ab iis, quae erant super
firmamentum, & factum
est caelum, & factum
est uespere, & mane
dies secundus, dixit
uero deus, congregentur
aquae quae sub caelo
sunt in locum unum,
& appareat arida, &
factum est ita, & uocauit
deus aridam terram,
& congregationes aquarum
appellauit maria, &
uidit deus quod esset
bonum, & ait germinet
terra herbas uirentem,
& facietem fenum,
& lignum pomiferum
iuxta genus suum, cuius
fenum in fucetio lit
supertam, & factum
est ita, & prulit terra
herbam uirentem, &
facietem feni iuxta
genus suum, lignumque
facietis fructum suum,
& habens unum quod
speciem suam, et uidit
deus quod esset bonum,
& factum est uespere,
& mane dies tertius,
dixit autem deus, hiant
luminaria in firmamento
caeli, & diuidant diem,
ac noctem, & sint in
signa, & tempora, &
dies, & annos, & luceant
in firmamento caeli, &
illuminent terram, &
factum est ita.

N^o principio creavit
deus caelum, & ter
ram, terra autem erat
inanis, & uacua, &
tenebrae erant super
faciem abyssi, &
spiritus domini ferebatur
super aquas, dixitque
deus fiat lux, & facta
est lux, et uisit deus
lucem, quod esset bona,
& diuisit lucem a tene
bris, appellauitque
lucem diem, & tene
bras noctem, factumque
est uespere, & manebat
dies unus, dixit
quoque deus fiat firmam
entum in medio aquarum,
& diuidat aquas ab
aquis, & fecit deus firmam
tuum, diuisitque aquas,
quae erant sub firmamento
ab iis, quae erant super
firmamentum, & factum
est caelum, & factum
est uespere, & mane
dies secundus, dixit
uero deus, congregentur
aquae quae sub caelo
sunt in locum unum,
& appareat arida, &
factum est ita, & uocauit
deus aridam terram,
& congregationes aquarum
appellauit maria, &
uidit deus quod esset
bonum, & ait germinet
terra herbas uirentem,
& facietem fenum,
& lignum pomiferum
iuxta genus suum, cuius
fenum in fucetio lit
supertam, & factum
est ita, & prulit terra
herbam uirentem, &
facietem feni iuxta
genus suum, lignumque
facietis fructum suum,
& habens unum quod
speciem suam, et uidit
deus quod esset bonum,
& factum est uespere,
& mane dies tertius,
dixit autem deus, hiant
luminaria in firmamento
caeli, & diuidant diem,
ac noctem, & sint in
signa, & tempora, &
dies, & annos, & luceant
in firmamento caeli, &
illuminent terram, &
factum est ita.

O impressor Aldo Manuzio (bem como os seus sucessores), deteve, na sua oficina veneziana, conjuntos de caracteres tipográficos de algumas línguas orientais cujo aprendizagem – e até prática – estavam de alguma forma também em voga entre eruditos de fins do século XV e começos do séc. XVI, como Giovanni Pico della Mirandola. Na gravura, uma prova tipográfica ou ensaio de impressão do projecto de edição da *Biblia poliglota* de começos do período de quinhentos (obra em hebraico, grego e latim que, naquela oficina, acabaria por não ir por diante)

Entretanto o jovem autor mirandulano produz, cerca de 1492, entre outros importantes trabalhos, o *Comento alla Canzone d' Amore*²⁶, obra escrita por Girolamo Benivieni, num estilo neo-platónico. De 1489 é, por

²⁶ Pico já não estaria vivo para assistir à 1ª. edição desta sua obra, quando ela foi publicada no ano de 1500.

sua vez, a edição *princeps* de *Heptaplus*²⁷. Neste período ganham particular incremento as suas relações com o religioso Jerónimo de Ferrara, que passará para a posteridade com o nome de Savonarola e que virá a ser enforcado e queimado, quatro anos após a morte do seu amigo, em Maio de 1498.

De 1491 é a sua obra *De Ente et Uno*, que o Prof. Eugenio Garin considera "a mais subtil obra de Pico de um ponto de vista especulativo"²⁸. Continua aí a estar presente o antigo discípulo do averroísta Elia del Medigo que, no dizer do Prof. Pina Martins, "sabe muito bem harmonizar os princípios da escolástica arabizante e da glosa tomista com uma interpretação platónica do mundo e da vida"²⁹. Entre 1493 e 1494 Pico dedica-se, entretanto, à obra *Disputationes adversus astrologia divinatricem* que, segundo Garin, chega até nós confusamente manuscrita³⁰.

Será que essa caligrafia *confusa* de Giovanni Pico – questionamo-nos nós – espelha uma saúde debilitada que o conduziria à morte³¹?

Os apontamentos da *astrologia judiciária* (1494) constituem o fim da obra legada pelo jovem Giovanni Pico, de 32 anos incompletos. A sua morte ocorria – de forma a que nunca se soube responder com certeza – nesse dia 17 de Novembro de 1494³², dia trágico para a cultura ocidental.

²⁷ *Heptaplus* teve a primeira edição em Florença, com efeito, em 1489, nas oficinas de Bartolomeo di Libri.

²⁸ Eugenio Garin, *Ritratti di Umanisti*, Florença, Ed. Sansoni, 1967, pp. 185-218.

²⁹ José V. de Pina Martins [1971], ed. cit.

³⁰ A edição *princeps* das *Disputationes adversus astrologia divinatricem*, é de Bolonha e apresenta no cólofon a data de 16 de Julho de 1495. Saiu dos prelos de Benedictus Hectoris. Vide ainda Ludwig Hain, *Repertorium bibliographicum in quo libri omnes ab arte typographica inuenta usque ad annum MD typis expressi ordine alphabetico uel simpliciter enumerantur uel adcuratius recensentur*. Stuttgart, J. G. Cotta, 2 vols. [4 partes], 1826-1838, em que o autor, recensando os incunábulo piquianos, regista, em relação à edição das *Disputationes* considerada de 1495, ser antes, de 1496.

³¹ A confirmar-se – em face de uma peritagem caligráfica – esta hipótese, tal invalidaria aquela que alguns autores têm feito correr no sentido de Pico poder ter morrido em consequência de envenenamento (o humanista poderia muito bem, explicitou-nos o Prof. Pina Martins, ter sucumbido de uma virose, num período em que não haviam avanços da medicina como os antibióticos que poderiam debelar uma doença de progressão acelerada).

³² Certamente por lapso na edição do *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Giovanni Pico, Lisboa, Edições 70, 1989, refere-se em mais de um passo da introdução [pp. 14 e 23], que Giovanni Pico faleceu em Novembro de 1496.

Os restos mortais do jovem humanista foram, na altura, sepultados na igreja do Convento de S. Marcos – dadas as suas afinidades (e a amizade) com Savonarola –, encontrando-se ainda hoje, aí, junto aos desse monge sacrificado em 1498. Curiosamente, também podemos encontrar no seu epitáfio, por nós analisado em 1987 naquele templo florentino, uma alusão a Portugal.

Reza a pedra tumular, com efeito: "Picus iacet hic Mirandula. Caetera norunt Tagus et Ganges, forsitan et Antipodes". Desse epitáfio apresenta Armando de Jesus Marques esta tradução livre:

*"Aqui jaz enterrado Pico Mirandulano. O demais – quem foi e o que fez – sabe-o Tejo e o Ganges, scilicet, o Oriente e o Ocidente, e os Antipodas, lá o outro mundo debaixo deste (se o há)"*³³.

1.7. Influências em humanistas portugueses

São várias as vertentes em que poderemos analisar as influências de Giovanni Pico della Mirandola em humanistas portugueses. Elas são mais notórias, de facto, na obra de Frei António de Beja³⁴ e de Nicolau Coelho do Amaral³⁵. Também se podem vislumbrar, contudo, em Garcia d'Orta e, já no século XVII, em D. Francisco Manuel de Melo³⁶.

No que respeita às influências da obra de Leão Hebreu em Giovanni Pico – e apesar de em 1918 Joaquim de Carvalho ter manifestado algumas reticências a tal respeito –, elas são claramente manifestas, como já provou o Prof. Pina Martins. Bastaria a este respeito chamarmos a atenção para o

³³ Armando de Jesus Marques, Lisboa, *Revista Panorama*, 1973.

³⁴ Na nota 3 deste nosso trabalho registam-se as obras do Prof. Pina Martins, sobretudo as de 1962 e 1965, onde está mais presente a influência de Pico em Frei António de Beja.

³⁵ Na mesma nota 3 fazemos alusão ao trabalho do mesmo catedrático dos estudos humanísticos portugueses, de 1989, onde se patenteia a influência do mirandulano na obra, em particular no conhecido poema de Nicolau Coelho do Amaral (inspirado no conceito de *dignidade* expresso na conhecida *oratio* de Pico).

³⁶ A mais profunda investigação realizada em Portugal em torno da obra de D. Francisco Manuel de Melo, *A Visita das Fontes*, foi publicada por Giaccinto Manupella em Coimbra, nos *Acta Universitatis Conimbrigensis*, em 1962 [precisamente no ano em que foi dado à estampa o primeiro estudo de relevo de Pina Martins votado à figura de Giovanni Pico]. Sobre esta matéria da influência de Pico em D. Francisco Manuel de Melo, remetemos para o nosso estudo "O filósofo hebraico Moses ben Nahman (1194-1270), nos primórdios do orientalismo peninsular (Conclusão)", in *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, ano XXXI, Madrid, 1995.

facto de, nas *Disputationes* (1493-94), o mirandulano o citar, manifestando inequívoco interesse pelo seu trabalho.

No sentido inverso, Garcia d'Orta foi influenciado pela obra de Pico: uma referência à *Apologia*, pode ler-se num capítulo dos *Colóquios dos Simples e Drogas*³⁷, de 1563.

Já em 1523, no entanto, havia sido publicada, com o apoio da rainha viúva, D. Leonor, uma obra de Frei António de Beja (que tinha nascido na cidade desse nome em 1493), intitulada *Contra os Juízos dos Astrólogos*³⁸. Seguindo as *Disputationes*, de Pico, provavelmente através da edição *princeps* de 1496, "o ilustre frade Jerónimo repele os prognósticos astrológicos por contrários à concepção cristã da providência divina"³⁹. A filosofia deste trabalho, reflectindo-se na obra do religioso de Beja de forma bem significativa, mostra que, três dezenas de anos depois de Pico falecer, as suas concepções, designadamente anti-astrológicas, continuavam a ser objecto de reflexão no nosso país.

II

PARA UM CONHECIMENTOS DOS ITINERÁRIOS PIQUANOS

II.1. Alguns dados para um estabelecimento do itinerários físico (e intelectual) de Giovanni Pico della Mirandola

Os dados disponíveis nos *Opera Omnia* de Pico, designadamente através dos "Epistolarum Liber Primus" e "Epistolarum Liber Secundus", permitem-nos reconstituir, com uma significativa segurança, os locais por onde se movimentou, na última fase da sua vida, o humanista de Mirandola. Essa análise implica ser desenvolvida, do nosso ponto de vista, a dois níveis: a partir do local de produção de texto (as epístolas disponíveis); e a partir da

³⁷ Em mais de um trabalho já aludimos ao facto de, na edição dos *Colóquios* de Garcia de Orta – Velha Goa, no prelo de João de Endem, 1563 – mais precisamente no colóquio 55, "sobre o incenso e a mirra", o pensador hebraico citar uma passagem de Giovanni Pico daquela obra. Vide Manuel Cadafaz de Matos, *O caixotim, o character móvel e a prensa ao serviço da Bíblia*, Lisboa, Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* [em Homenagem ao Prof. Doutor José V. de Pina Martins], n.º 13-14, 1992.

³⁸ Este trabalho foi reeditado em 1943 pelo Prof. Joaquim de Carvalho, na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Quanto aos estudos do Prof. Pina Martins sobre esta obra remetemos, ainda para a nota 3.

³⁹ José V. de Pina Martins, *Cultura Italiana*, ed. ant. cit.

datação dos documentos (essas mesmas epístolas), quer se tratem dos textos autógrafos do pensador, quer dos de alguns seus contemporâneos com quem privou e se correspondeu (ou se corresponderam entre eles, manifestando tais cartas um interesse para o estabelecimento da biografia e dos itinerários piquianos).

Importa sublinhar, porém, que não pretendemos analisar, aqui, os dados da sua biografia ao longo das fases sucessivas da sua curta vida, perspectivada através dessa correspondência. Numa análise sumária estabeleceremos, apenas, as linhas mais marcantes dessa sua epistolografia, numa relação directa com a sua vida e acção intelectual e com a teia de amigos-correspondentes junto dos quais patenteava ser um homem de relação, um intelectual aberto.

II.2. O período anterior à redação da *Oração sobre a Dignidade do Homem*

Giovanni Pico contava, em 1482, apenas 19 anos. Em Julho desse ano vivia na sua cidade natal. Em Janeiro de 1484 – cerca de um ano depois do regresso da sua primeira viagem a Paris – é contactado, em carta remetida de Veneza, por Hieronymus Donatus. Já em Julho desse mesmo ano habitava em Florença, integrando-se no círculo platónico que tinha por mecenas Lourenço de Médicis⁴⁰.

A epistolografia datada desta cidade, desde Julho pelo menos, prolonga-se até Junho do ano seguinte (1485). Nesta altura viaja de novo até Paris onde pode ter despontado – ou adquirido maior incremento – a sua vocação filosófica.

No ano seguinte – em Florença? – recebe uma carta de um outro humanista, Beroaldo (quando este se encontra em Bolonha), de 6 de Março. Em Outubro seguinte Pico encontra-se em Peruggia. Daí terá seguido para a vila de Fratta, localizada nas imediações dessa cidade, onde permaneceu durante algum tempo, pelo menos a partir da segunda semana de Novembro.

Essa estadia do humanista em Fratta coincide com uma notória disponibilidade (e capacidade) de trabalho. É aí, com efeito, que o humanista redige – ao que testemunha o seu biógrafo Eugénio Garin – a *Oração sobre a Dignidade do Homem*.

⁴⁰ Da leitura da correspondência aqui em análise poderemos concluir que, numa primeira fase da vida de Pico em Florença após a Primavera de 1484, ele conviveu com os humanistas que gravitavam em torno de Lourenço o Magnífico.

Assim sendo a vivência de Pico, na casa que Lourenço de Médicis lhe confiou em Fiesole, só se deverá ter verificado a partir do seu terceiro regresso de França [após a saída da prisão], na segunda metade de 1488.

II.3. Da *Oratio* à obra *Disputationes adversus Astrologia divinatricem*

Contando apenas 23 anos quando redigiu a *Oratio*, Giovanni Pico é bem o exemplo daquele intelectual que soube conciliar, desde muito novo, a *pietas* cristã com os conhecimentos filosóficos da (e sobre a) Antiguidade. Dotado de grande curiosidade filosófica, Giovanni Pico é, também, o exemplo do filósofo em viagem – *viagem* interior e exterior – que apreende do mundo dos homens o complemento dessa frutificada vivência no seio dos livros uns, manuscritos (a maioria), outros já impressos.

Em 1 de Janeiro de 1487 o filósofo recebe uma epístola de Milão, subscrita por Ermolao Barbaro. No Verão seguinte, porém, vê-se forçado a procurar refúgio – pelas razões já atrás aludidas – na cidade de Paris. Em Outubro de 1489 vive em Fiesole, na casa que lhe fora cedida por Lourenço de Médicis (e que havia entretanto sido apetrechada com uma rica biblioteca). Ermolao Barbaro envia-lhe então de Veneza, nesse período, uma nova carta em que é reatada a troca de impressões no âmbito dos seus interesses humanísticos⁴¹.

Ferrara é, por seu lado, a cidade a partir da qual outro humanista, Baptista Guarino, lhe envia as suas novas. Desse humanista e desse milenar burgo – associado de uma forma muito explícita, designadamente por via da Imprensa hebraica, à diáspora judaico-portuguesa – recebeu correspondência em Dezembro de 1489⁴².

Giovanni Pico conhecia o prodigioso alcance da arte tipográfica. Em tal processo Aldo Manuzio viria em breve a desempenhar, aliás, um papel de particular relevo, na cidade de Veneza, onde a Imprensa já era conhecida desde 1469.

Foi ao ainda relativamente desconhecido Aldo Manuzio que Giovanni Pico dirigiu, em Fevereiro de 1490, uma das suas epístolas. Nessa carta dizia-lhe, a dada altura, o filósofo mirandulano (na versão estabelecida pelo Prof. Pina Martins): "Envio-te o Homero que tu desejas". Tratava-se, evidentemente, de um manuscrito no qual acrescentava Pico: "Repara, porém, porque a Filosofia procura a verdade, a Teologia encontra-a, mas só a

⁴¹ Entre outros trabalhos de grande valia que foram legados para a posteridade por Ermolao Barbaro conta-se a sua versão comentada da *História Natural* de Plínio, com edições designadamente de Veneza e de Paris [desta última existe uma espécie na Livraria Humanística [LHITIPOR], saída do prelo de Audoènum Parvum, em 1543.

⁴² Ver Epístolas, 2-XVIII (neste tipo de referências o número árabe corresponde ao livro respectivo das epístolas).

religião a possui". De registar que Aldo ainda não se havia distinguido, nesse período, como impressor: só principiou a actividade tipográfica, como é sabido, em 1494, com os prelos que haviam pertencido a Torresani, seu sogro.

Em Julho de 1490, Pico enviou, de Florença, uma epístola ao seu correspondente Ermolao Barbaro. A resposta não se fez tardar: escrevendo de Roma, em Agosto desse mesmo ano, este humanista desenvolvia algumas considerações suscitadas pela missiva que estivera na origem do diálogo.

Entre Maio e Julho de 1492 Giovanni Pico encontra-se em Ferrara? Ou deslocou-se a essa cidade, uma vez em cada mês, regressando sempre ao seu pouso habitual na cidade dos Médicis? Dada a proximidade geográfica de Florença e de Ferrara, será mais plausível a segunda hipótese.

Não são verdadeiramente conhecidas as motivações destas viagens. Será que aí se deslocou motivado por uma visita a Baptista Guarino (com quem se havia correspondido, como já vimos, em Novembro-Dezembro de 1489)? Ou fê-lo, também, em resultado dos seus estudos, do seu interesse pela cultura judaica e pelos temas cabalísticos? Em verdade, não o sabemos. As informações de que dispomos são apenas duas cartas que escreveu de Ferrara, em Maio, uma dirigida a Troilo Malvetio e uma outra ao seu sobrinho João Francesco Pico, bem como a carta que enviou (da mesma cidade), em Agosto seguinte, para esse seu familiar.

Julgam os biógrafos do humanista ser esse ano de 1492 aquele em que Pico principia a conceber a realização de uma obra sobre a *Astrologia divinatoria* (poderá, eventualmente, ter então principiado a compulsar fontes para esse fim). A redacção das *Disputationes adversus Astrologiam Divinatricem* tem lugar, no entanto, apenas alguns meses depois, já durante o ano de 1493.

II.4. 0 desaparecimento prematuro do humanista [17 de Novembro de 1494]

Do ano de 1493 não são conhecidas epístolas escritas pelo próprio punho de Pico (pelo menos com a explícita menção dessa data). A última das cartas que é possível atribuir-se ao humanista – e que integra o "Epistolarum Liber Primus" – é escrita em 28 de Junho de 1494 e dirigida a Iacobo Antiquario. Uma outra, escrita pelo Frade Baptista, carmelita, a João Francisco Pico, tem a data de 29 de Outubro do mesmo ano, sendo redigida, portanto, cerca de duas semanas antes do desaparecimento do humanista. Na epístola daquele religioso carmelita, redigida em Mântua, alude-se ao autor

da *Oração sobre a Dignidade do Homem*; daí o seu interesse também para o estudo da vida do humanista neste período.

Pouco mais de uma semana depois da morte do humanista o mesmo Frei Baptista, carmelita, enviava da sua cidade, a João Francisco Pico – também ele agora Conde de Concórdia – uma outra bem conhecida carta, considerada também de particular significado pelos estudiosos da obra do filósofo.

A morte de Pico, ocorrida em 17 de Novembro de 1494, como referimos, deixou no ar apesar de tudo um clima de dúvidas, se não mesmo algumas suspeitas. O seu magistério espiritual, porém, continuaria pelo século XVI (até à actualidade) a frutificar na Europa em vários autores. No que respeita a Portugal, seria imperdoável desconhecer a influência que ele teve, no período de quinhentos, como já referimos, em autores como Frei António de Beja, Nicolau Coelho do Amaral ou Garcia de Orta e no período de seiscentos, em D. Francisco Manuel de Melo.

Se, em tão curto espaço de vida intelectual produtiva, Giovanni Pico della Mirandola criou um tão significativo corpo doutrinal, o que não criaria o humanista – de quem este ano se comemora, (dois anos após a passagem do meio milénio sobre a sua morte⁴³), o V centenário da edição *princeps* dos seus *Opera Omnia* – se tivesse vivido alguns anos mais?

⁴³ No centro das comemorações do meio milénio do desaparecimento de Giovanni Pico, que decorreram em 1994 em Mirandola e Florença, esteve a instituição florentina *Centro Nacional de Estudos sobre o Renascimento* e a revista de estudos humanísticos *Rinascimento*, natural continuadora de *La Rinascità*. Foi precisamente em 1937 que um punhado de investigadores italianos, organizados em torno de um projecto comum que visava o aprofundamento e prática de estudos do Humanismo, viu instituído aquele Centro de Estudos. No âmbito desse projecto enquadrava-se, também, uma publicação que servisse de veículo às pesquisas que iriam ser desenvolvidas. Foi assim que nasceu *La Rinascità*.

Esta revista, de características trimestrais, passou então a ser dirigida por Giovanni Papini, tendo como redactor de fundo (secretário de redacção) Ettore Allodoli. O primeiro número saiu em 1938 e, curiosamente, logo nessa primeira publicação do Centro figurava, entre os nomes dos colaboradores, Eugénio Garin, assinando uma recensão ao livro de P. Kristeller, *Supplementum Ficinianum*. Desde esses primórdios até aos nossos dias o nome de Garin jamais deixaria de andar associado a tão importante projecto: quer aquele centro de estudos quer à sua própria revista. Outro dado de particular importância é que no mesmo ano em que aquele centro de pesquisa do Renascimento ganhava personalidade jurídica, era dada à estampa uma obra que, apesar do tempo já decorrido, ainda hoje continua a constituir uma "edição padrão" dos estudos mirandulanos: a biografia de Pico, por Eugénio Garin. Este livro (vide n. 4) saía, curiosamente, no mesmo ano (e a não a

III

APÊNDICE

Elementos para o estudo dos itinerários no último período da vida de Giovanni Pico della Mirandola

Fonte de pesquisa:

Epistolografia (tanto a sua como a de intelectuais com quem privou): "EPISTOLARVM-Liber primus", designada por Ep.1; e "EPISTOLARVM-Liber secundus", designada por Ep.2, constantes da edição:

IOANNIS PICI MIRANDULAE PHILOSOPHI, ACVTISSIMI, AC PLATONICAE DISCIPLINAE SECTATORIS, PRAECIPVI OMNIA QVAE EXTANT OPERA: NVPER CLARISS. VIRORVM INGENIO, ac labore illustrata, & innumeris erroribus expurgata. Ea autem haec sunt. IOANNIS PICI MIRANDVLA VITA A IOANNE Francisco Illustris principis Galleoti Pici Filio elegantissime conscripta⁴⁴.

muitas semanas de diferença) em que Marcel Bataillon fazia editar em Paris uma das suas coroas de glória, *Erasmus e Espanha*.

Na nossa passagem por Florença em 1987, não podíamos prescindir de um encontro com Eugénio Garin, no Centro de Estudos sobre o Renascimento, onde *La Rinascità* sobreviveu até 1944, e a *Rinascimento*, a sua natural continuadora a partir de 1950, ainda hoje se publica, sob a sua direcção espiritual (com o apoio, no secretariado, do historiador Gian Carlo Garfagnini). No passado desta revista – a que o Prof. Joaquim de Carvalho deu o seu contributo com um artigo de 1914 (sobre "A Itália e a origem do movimento humanístico em Portugal") – a componente histórica e cultural portuguesa surge em cerca de meia dezena de outros artigos. São praticamente todos da autoria de Guido Battelli, professor italiano que durante alguns anos viveu em Portugal.

Ao Prof. Eugenio Garin (e a esse nosso encontro pessoal) ficamos a dever as linhas de orientação dominantes para a primeira parte do presente trabalho.

Desejamos manifestar, no fim da parte doutrinal do presente estudo, os nossos agradecimentos ao Prof. Dr. José V. de Pina Martins pela orientação recebida; e ao Prof. Dr. Artur Anselmo, pela disponibilidade na leitura do presente original.

⁴⁴ Nos Adenda deste nosso trabalho menciona-se a publicação dos *Opera Omnia* de Pico em Veneza (1498); Estrasburgo (1503); Paris (1510); Veneza (1519; 1557) e Basileia (1572-73). A edição dos *Opera Omnia* de Pico de 1557 [que integra a colecção de quinhentistas da Livraria Humanística da História da Tipografia... [LHITIPOR], conta com os seguintes trabalhos: *Ioannis Pici Mirandulae Vita a Ioanne Francisco principis Illustris Galleoti Pici Filio elegantissime conscripta* [*];

[Gravura]: Mulher sobre Sphaera Mundi, com a legenda FIAT PAX IN VIRTUTE TVA] Venetijs apud Hieronymum Scotum, MDLVII, [I], *6, **4, b-z6, aa-dd6.

Sinais interpretativos:

A - Edição que seguimos: Veneza, 1557.

B - Número de ordem, estabelecido a partir da epistolografia apresentada⁴⁵, por ordem de sequência, em "EPISTOLARVM-Liber primus" – Ep.1– e em "EPISTOLARVM - Liber secundus" – Ep.2 – na edição que seguimos.

C - Nosso número de ordem, estabelecido apenas a partir das epístolas datadas, constantes da mesma edição. Daí que (sendo muito menor o número das epístolas datadas em relação às não datadas) estas últimas – constantes da terceira coluna – apresentam no total, em relação à segunda coluna, um número compreensivelmente menos elevado.

D - Apresentam-se, aqui, os nomes daqueles humanistas que estão associados à autoria das epístolas, por um lado, mas também, noutros casos, a individualidades a que algumas das epístolas (mesmo não sendo Pico) vão dirigidas.

E - Indicada-se o nome da cidade ou lugar em que a uma dada carta foi escrita, sempre que referenciado (desde que tais elementos não ofereçam quaisquer dúvidas na sua interpretação).

– *Heptaplus de Opere Sex dierum Geneseos* [fl. 1]; – *Deprecatoria ad Deum elegiaco carmine* [fl. 13vº.]; – *Apologia Tredecim Quaestionum* [fl. 13vº.]; – *Tractatus de Ente & Uno varijs obiectionibus & responsionibus diuisus* [fl. 40vº.]; – *Oratio quàm elegantissima de Homini celsitudine & dignitate* [fl. 55 vº.]; – *Epistolarum eiusdem libro duo* [fl. 59 vº.]; – *Testimonia eius uitae doctrinae* [fl. 73 vº.]; – *Expositio psalmi conserua me domine* [fl. 74]; – *Disputationum aduersus Astrologos libri duodecim* [fl. 75 vº.]; – *Caecilij Cypriani episcopi Charthaginensis de ligno crucis carmen*; – e *Conclusiones Nongentae, in Omni genere scientiarum; qua olim Ioan. Picus Mirandula Romae disputandas proposuit quarum quingentae sunt in Philosophia veterum* [fl. 150vº.].

⁴⁵ Nos *Opera Omnia* piquianos a epistolografia apresentada (para além da firmada pelo próprio autor) incluí cartas dos seguintes intelectuais (dirigidas ao mesmo mas não só): *Ioan. Fran. Miran. Gal. comitis filius*; *Hermolaus barbarus*; *Angelus politianus*; *Frater Baptista carmelita*; *Matheus bossus veronensis*; *Hieronymus donatus*; *Robertus saluiatus*; *Philippus Beroaldus*; *Baptista Guarinus*; *Christophorus landinus*; *Alexander cortesius*; *Bartholomeus fontius*; *Marsilius Ficinus*; *Baccius Ugolinus*; e *Iulianus maius parthenopeus*. Esta relação onomástica latina dos correspondentes de Pico (para Pico e sobre ele) é apresentada na folha de rosto dos *Opera Omnia*, de Veneza 1557, existente na LHITIPOR, a que nos referimos na nota anterior.

F-G - Nestas duas colunas são fornecidos ao leitor os elementos de datação disponíveis quanto à redacção destes mesmos documentos: [Ano, 1ª. colª., em numeração árabe; Mês, 2ª. colª., em numeração romana; e, finalmente, o dia, em numeração árabe].

[*] Epístolas cuja autoria não é de Giovanni Pico della Mirandola.

[**] Epístolas do período da morte do humanista e dos meses subsequentes.

III.1

CONJUNTO DAS EPÍSTOLAS CONHECIDAS [DE E PARA GIOVANNI PICO]

EPISTOLARVM LIBER PRIMVS (in *OPERA OMNIA*)

Todas as epístolas conhecidas da autoria de Pico

| A - Loc. in ed. cit. | B - N.º de ordem na edição | C - Nosso n.º de ordem | D - Correspondência (destinatário) | E - Local referenciado de produção | F - Ano e mês | G - Dia |
|----------------------|----------------------------|------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---------------|---------|
|----------------------|----------------------------|------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---------------|---------|

Ep. 1

| | | | | | | |
|-------|------|---|---------------------------|----------|----------|--------|
| 59v.º | I | 1 | GPM-Ioan. Francisco Pico | | 1492-V | 15 |
| 60 | II | | GPM-Philippo Beroaldo | | | |
| 60v.º | III | 2 | GPM-Laurentio Medici | Florença | 1484-VII | idibus |
| 61 | IV | 3 | GPM-Hermolao Barbaro | Florença | 1485-VI | |
| 62v.º | V | 4 | GPM-Filius Ioannes Miran. | Florença | 1490-III | 20 |
| id. | VI | 5 | GPM-Aldo Manuzio | Florença | 1490-II | 11 |
| id. | VII | | GPM-Hermolao Barbaro | | | |
| id. | VIII | 6 | GPM-Hermolao [Barbaro] | Florença | 1490-VII | 31? |
| 63 | IX | | GPM-Hieronymo [Donato] | | | |
| id. | X | 7 | GPM-Ioan. Francisco Pico | Ferrara | 1492-V | 30 |
| id. | XI | | GPM-Marsilio Ficino | | | |

| | | | | | | |
|-------|---------|----|---|---------------------|----------|----|
| id. | XII | | GPM-Angelo Politiano | | | |
| id. | XIII | | GPM-Thomae medico | | | |
| 63v.° | XIV | 8 | GPM-Nicolao Leoniceno | Mirandola | 1482-VII | 20 |
| id. | XV | | GPM-Angelo Politiano | | | |
| 64 | XVI | | GPM-Paulo Cortesio | | | |
| id. | XVII | 9 | GPM-Troilo malvetio | Ferrara | 1492-V | 29 |
| id. | XVIII | | GPM-Thadeo Ugolino | | | |
| id. | XIX | | GPM-Thomae medio [sic] | | | |
| 64v.° | XX | | GPM-Marsilio Ficino | | | |
| id. X | XXI | | GPM-Hie[ronymo] donato | | | |
| id. | XXII | 10 | GPM-Hermolao [Barbaro] | Florença | 1484-XII | 6 |
| id. | XXIII | | GPM-Fratri Baptistae Mantuano Carmelitae | | | |
| 65 | XXIV | | GPM-C. F. | | | |
| id. | XXV | | GPM-Baldassari millia vaccae | | | |
| id. | XXVI | | GPM-Iacobo Feltrino | | | |
| id. | XXVII | | GPM-Hieronymo Donato | | | |
| 65v.° | XXVIII | | GPM-Angelo [Politiano] | | | |
| id. | XXIX | | GPM-Angelo [Politiano] | | | |
| id. | XXX | | GPM-Marsilio Ficino | | | |
| id. | XXXI | | GPM-Hermolao [Barbaro] | | | |
| 66 | XXXII | | GPM-Hermolao [Barbaro] | | | |
| id. | XXXIII | | GPM-&c. [?] | | | |
| id. | XXXIV | 11 | GPM-F. B. C. Th. | Florença | 1490-1 | 13 |
| id. | XXXV | | GPM-Hermolao Barbaro | | | |
| 66v.° | XXXVI | 12 | GPM-Andreae Corneo Urbinati | Perusia | 1486-X | 15 |
| 67 | XXXVII | 13 | GPM-Francisco Nepoti | Florença | 1492-XI | 27 |
| id. | XXXVIII | 14 | GPM-Iacobo Antiquario | Agro Ferrariensi | 1494-VI | 28 |
| id. | XXXIX | | GPM-Iacobo Antiquario | | | |
| 67v.° | XL | | GPM-R.C.C.S. | | | |
| id. | XLI | | GPM-Alexandro cortesio | | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|----|-----------------------------|---------|----------|----|
| id. | XLII | 15 | GPM-D[ome]nico benivenio | Fratta | 1486-XI | 10 |
| id. | XLIII | 16 | GPM-Andraeae cornaeo | | 1489 | |
| 68 | XLIV | | GPM-Baptistae Guarino | | | |
| id. | XLV | 17 | GPM-Antonio picimanno | | 1489-VII | 9 |
| id. | XLVI | 18 | GPM-Ignoto amico [sic] | Fratta | 1486-XI | 10 |
| 68v.º | XLVII | 19 | GPM-Ioan. Francisco Pico | Ferrara | 1492-VII | 2 |

EPISTOLARVM LIBER SECUNDVS

Ep.2 Epístolas não da autoria de Pico⁴⁶

| | | | | | | |
|-------|-------|----|---|----------------|-----------|--------|
| 69 | 2-I | 20 | Frater Baptista Man. Car.-João Fr. Pico [**] | Mântua | 1494-XI | 27 |
| id. | 2-II | 21 | Frater Baptista Man. Car.-João Fr. Pico [*] | Mântua | 1495-1 | 3 |
| 69v.º | 2-III | 22 | Hermolaus Barbarus- Giovanni Pico Mir. [*] | Milão | 1487-I | Kalend |
| 70 | 2-IV | 23 | Hermolaus Barbarus- Roberto Salviato [*] | Milão | 1488-XI | 12 |
| id. | 2-V | 24 | Hermolaus Barbarus- Giovanni Pico Mir. [*] | | 1489-IX | |
| id. | 2-VI | 25 | Hermolaus Barbarus- Giovanni Pico Mir. [*] | Roma | 1490-VIII | idibus |
| id. | 2-VII | 26 | Hermolaus Barbarus- Giovanni Pico Mir. [*] | Ro. [Roma?] | 1491-IV | pridie |

⁴⁶ Importará que hoje se considere -- não figurando, embora, no "Epistolarum liber secundus" (da ed. consultada de 1557), como a mais antiga carta dirigida a Pico por um amigo -- aquela que o averroista Elia del Medigo lhe dirigiu em 1486, quando este autor ia partir para Roma para aí defender as suas *Conclusiones*. -- Vide, a este respeito, J. Dukas, "Recherches sur l'histoire littéraire du XV^e siècle", in *Bullétin du Bibliophile et du Bibliothécaire*, t. 42, 1875, pp. 342 e segts.; e, ainda, B. Kieszkowski, "Les Rapports entre Elie del Medigo et Pico de la Mirandole", in *Rinascimento*, Florença, Sansoni Editore (2.^a série, vol. III), 1963, pp. 41-91 (em particular essa missiva in pp. 63-77 (texto latino).

| | | | | | | |
|-------|---------|----|--|---------|----------|--------|
| 70v.º | 2-VII | 27 | Frater Baptista Carme.- João Fr. Pico [*] | Mântua | 1494-X | 29 |
| id. | 2-IX | | Mattheus Vero. Ro[berto] Salviato [*] | | | |
| id. | 2-X | 28 | Hermolaus Barbarus- Giovanni Pico Mir. [*] | Veneza | 1489-X | 12 |
| 71 | 2-XI | 29 | Hieronymus Donatus- Roberto Salviato | Milão | 1489-X | 25 |
| id. | 2-XII | 30 | Baptista Guarinus Giovanni Pico Mir. [*] | | 1489-X | Kalend |
| id. | 2-XIII | 31 | Christiphorus Landinus- Roberto Salviato [*] | | ?-XII | |
| 71v.º | 2-XIV | 32 | Alexander Cortesius- Giovanni Pico Mir. [*] | | ?-I | 7 |
| 72 | 2-XV | 33 | Hieronymus Donatus- Giovanni Pico Mir. [*] | Veneza | 1484-I | 17 |
| id. | 2-XVI | 34 | Philippus Beroaldus- Giovanni Pico Mir. [*] | Bolonha | 1486-III | 6 |
| 72v.º | 2-XVII | | Bartholomaeus Fontius- Roberto Salviato [*] | | | |
| id. | 2-XVII | 35 | Baptista Guarinus- -Giovanni Pico Mir. [*] | Ferrara | 1489-XII | 9 |
| id. | 2-XVIII | | Angelus Politianus- -Giovanni Pico Mir. [*] | | | |
| id. | 2-XX | 36 | Marsilius Ficinus- -Germano de Ganai Parisii [*] | | 1494-III | 23 |
| 73 | 2-XII | 37 | Marsilius Ficinus- -João Francisco Pico [*] | | 1495-XI | 1 |
| id. | 2-XXII | 38 | Baccius Ugolinus- -Roberto Salviato [*] | Nápoles | 1490-IV | 7 |
| id. | 2-XXIII | 39 | Iunianus maius- -Roberto Salviato [*] | Nápoles | 1490-VI | pridie |

III.2

CRONOLOGIA DAS EPÍSTOLAS

Elementos para o estudo dos itinerários de Giovanni Pico della Mirandola

Fonte de pesquisa:

Epistolografia (tanto a sua como a de intelectuais com quem privou em fins do século XV)

| A - Nossa referência | B - N.º de ordem na edição 1557 | C - Nosso n.º de ordem (anterior) | D - Correspondência (destinatário) | E - Local referenciado de produção | F - Ano e mês | G - Dia |
|----------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---------------|---------|
|----------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---------------|---------|

Ep.

| | | | | | | |
|----|------------|----|---|-----------|----------|--------|
| 1 | Ep.1-XIV | 8 | GPM-Nicolao Leoniceno | Mirandola | 1482-VII | 20 |
| 2 | Ep.2-XV | 33 | Hieronymus Donatus-GPM [*] | Veneza | 1484-I | 17 |
| 3 | Ep.1-III | 2 | GPM-Laurentio Médici | Florença | 1484-VII | idibus |
| 4 | Ep.1-XXII | 10 | GPM-Hermolao [Barbaro] | Florença | 1484-XII | 6 |
| 5 | Ep.1-IV | 3 | GPM-Hermolao Barbaro | Florença | 1485-VI | [3] |
| 6 | Ep.2-XVI | 34 | Philippus Beroaldus-GPM [*] | Bolonha | 1486-III | 6 |
| 7 | Ep.1-XXXVI | 12 | GPM-Andreae Corneo Urbinati | Perusia | 1486-X | 15 |
| 8 | Ep.1-XLII | 15 | GPM-D[ome]nico Benivenio | Fratta | 1486-XI | 10 |
| 9 | Ep.1-XLVI | 18 | GPM-Ignoto amico [sic] | ex Fratta | 1486-XI | 10 |
| 10 | Ep.2-III | 22 | Hermolaus Barbarus -GPM [*] | Milão | 1487-I | Kalend |
| 11 | Ep.2-IV | 23 | Hermolaus Barbarus-Roberto Salviato [*] | Milão | 1488-XI | 12 |
| 12 | Ep.1-XLV | 17 | GPM-Antonio Picimanno | | 1489-VII | 9 |
| 13 | Ep.2-V | 24 | Hermolaus Barbarus-GPM [*] | | 1489-IX | 9? |

| | | | | | | |
|----|------------------|----|--|---------------------|----------|--------|
| 14 | Ep.2-X | 28 | Hermolaus Barbarus- -GPM [*] | Veneza | 1489-X | 12 |
| 15 | Ep.2-XI | 29 | Hieronymus Donatus -Roberto Salviato [*] | Milão | 1489-X | 25 |
| 16 | Ep.2-XII | 30 | Baptista Guarinus -GPM [*] | Ferrara | 1489-XI | Kalend |
| 17 | Ep.2-XVIII | 35 | Baptista Guarinus -GPM [*] | Ferrara | 1489-XII | 9 |
| 18 | Ep.1-XLIII | 16 | GPM-Andrae Corneo | | 1489 | |
| 19 | Ep.1- XXXIV | 11 | GPM-F.B.C. Th. | Florença | 1490-I | 13 |
| 20 | Ep.1-VI | 5 | GPM-Aldo Manuzio | Florença | 1490-II | 11 |
| 21 | Ep.1-V | 4 | GPM-Filius Ioannes Miran | Florença | 1490-III | 20 |
| 22 | Ep.2-XXV | 38 | Baccius Vgolinus- -Roberto Salviato [*] | Nápoles | 1490-IV | |
| 23 | Ep.2-XXIII | 39 | Iunianus Maius Roberto Salviato [*] | Nápoles | 1490-VI | pridie |
| 24 | Ep.1-VIII | 6 | GPM-Hermolao [Barbaro] | Florença | 1490-VII | 31(?) |
| 25 | Ep.2-VI | 25 | Hermolaus Barbarus -GPM [*] | Roma | 1490-XII | idibus |
| 26 | Ep.2-VII | 26 | Hermolaus Barbarus -GPM [*] | Ro. [Roma?] | 1491-IV | pridie |
| 27 | Ep.1-1 | 1 | GPM-Ioan. Francisco | | 1492-V | 15 |
| 28 | Ep.1-XVII | 9 | GPM-Troilo Malvetio | Ferrara | 1492-V | 29 |
| 29 | Ep.1-X | 7 | GPM-Ioan. Francisco Pico | Ferrara | 1492-V | 30 |
| 30 | Ep.1-XLVII | 19 | GPM-Ioan. Francisco Pico | Ferrara | 1492-VII | 2 |
| 31 | Ep.1- XXXVII | 13 | GPM-Francisco Nepoti | Florença | 1492-XI | 27 |
| 32 | Ep.2-XX | 36 | Marsilius Ficinus- -Germano de Ganai Parisii [*] | | 1494-III | 23 |
| 33 | Ep.1- XXXVIII | 14 | GPM-Iacobo Antiquario | Agro Ferrariense | 1494-VI | 28 |
| 34 | Ep.2-VII | 27 | Frater Baptista Carme.- João Fç. Pico [*] | Mântua | 1494-X | 29 |

| | | | | | | |
|----|----------|----|---|--------|---------|----|
| 35 | Ep.2-1 | 20 | Frater Baptista Mant.- João Fr. Pico [**] | Mântua | 1494-XI | 27 |
| 36 | Ep.2-II | 21 | Frater Baptista Mant.- João Fr. Pico [**] | Mântua | 1495-I | 3 |
| 37 | Ep.2-XXI | 37 | Marsilius Ficinus-João Francisco Pico [**] | | 1495-I | 1 |

III.2.1.

PERMANÊNCIAS DE GIOVANNI DELLA MIRANDOLA NO TEMPO E NO ESPAÇO

(perspectivadas através da epistolografia)

| NOSSA REFERÊNCIA | ANO | MÊS, DIA | CIDADE |
|---------------------|------|--------------|------------------|
| 1 | 1482 | VII, 20 | Mirandola |
| 3 | 1484 | VII, id. | Florença |
| 4 | 1484 | XII, 6 | Florença |
| 5 | 1486 | VI, - | Florença |
| 7 | 1486 | X - 15 | Perusia |
| 8;9 | 1486 | XI - 10 | Fratta |
| 11 | 1486 | XI - 12 | Milão |
| 19 | 1490 | I - 13 | Florença |
| 20 | 1490 | II - 11 | Florença |
| 21 | 1490 | III - 20 | Florença |
| 24 | 1490 | VII - 31 (?) | Florença |
| 28 | 1492 | V - 29 | Ferrara |
| 29 | 1492 | V - 30 | Ferrara |
| 30 | 1492 | VII - 2 | Ferrara |
| 33 | 1494 | VI - 28 | Agro ferrariensi |

IV

**EDIÇÕES DE OBRAS DE GIOVANNI PICO
E SOBRE ELE EM BIBLIOTECAS PORTUGUESAS
(E NUMA LIVRARIA PARTICULAR)**

IV.1 -*Edições piquianas (quatrocentista e quinhentistas)*
*na Biblioteca Nacional de Lisboa*⁴⁷

I – 01, 1498

OPERA / [ed. Johannes Franciscus Picus de Mirandula].
Veneza: Bernardino Vitali, 9 Outubro 1498, Agosto 1498.
2 partes: il.
Maria Valentina Sul Mendes, *Catálogo de Incunábulos*, 1988,
n.º. 1031.
Assin.: [Pt. I] A¹⁰, A⁶, B⁶, C-E⁴, F-Q⁶, R⁴, S-X⁶, Y⁴, Z⁶
& ⁶.
 [Pt. II] a-s⁶, t⁴, u⁶.
 2.º.
BN, INC. 1038.

I – 02, 1503

OPERA / [ed. H. Emser].
Estrasburgo [Strassburg] (impressit Ioannes Prüs, 1503).
ff. 216.
Assin.: [*] ⁶, aa⁶, A-Z⁶, a-n⁶.
 2.º.
BN, Res. 996 2 A.

I – 03, 1507

[Giovanni Francesco Pico]
HYMNI HEROICI AD SANCTISSIMAM TRINITATEM
Milão, 1507, Alexandrum Minutianum
BN.

⁴⁷ Vide *Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494)*, no *V centenário da sua morte* [Catálogo de Exposição in IBL], prefácio, catalogação e nota bibliográfica por José Vitorino de Pina Martins; Índices por Margarida Cunha, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1994. Alguns acertos de pormenor em relação a espécies bibliográficas piquianas existentes na BN devêmo-las à Dra. Margarida Cunha, cuja colaboração nesse sentido também aqui agradecemos.

I – 04, 1510

OMNIA OPERA

Paris [Parisijs] (Ioannis parui impensa), 1510.

BN.

I – 05, 1519

OMNIA OPERA

Veneza [Venetiis] (per Gulielmum de Fontaneto de Monteferrato).

Ano Domini M.D.XIX.

Assin.: a-q⁸, r⁴, s-z⁸, &⁸, P⁸, R⁸, A-C⁸, D-E¹⁰.

2°.

BN, Res. 2633 A.

I – 06, 1541

[Giovanni Francesco Pico]

DE ANIMA IMMORTALITATE

Paris, Ioanne Roigny, 1541.

BN.

I – 07, 1572-1573

OPERA OMNIA

Basileia [Basileae] (ex. off. Henricpetrina).

[T. I], 1572, 759 pp.

Assin.: [*]⁸, a-f⁶, g⁴, a⁶, A-Z⁶, Aa-Zz⁶, AA-QQ⁶, RR⁸, a⁶, b⁴, AAaa--NNnn⁶, OOoo⁴.

[T. II], 1573, 1372 pp.

Assin.: [*]⁶, A-K⁶, L⁸, aA-zZ⁶, aAA-zZZ⁶, aaAA-zZZZ⁶, AAA-ZZZ⁶, AAAa-MMMm⁶, NNNn⁸, OOOo-YYYy⁶, ZZZz⁴.

2°.

BN, Res. p. 303-304 A.

IV 2. – Edições piquianas (quinhentistas) na Biblioteca da Ajuda

II – 01, 1519

OMNIA OPERA

Veneza [Venetiis] (per Gulielmum de Fontaneto de Monteferrato).

Ano Domini M.D.XIX.

Assin.: a-q⁸, r⁴, s-z⁸, &⁸, P⁸, R⁸, A-C⁸, DE¹⁰.

2°.

II – 02, 1572-1573

OPERA OMNIA

Basileia [Basileae] (ex. off. Henricpetrina).

[T. I], 1572, 759 pp.

Assin.: [*] ⁸, a-f ⁶, g ⁴, a ⁶, A-Z ⁶, Aa-Zz ⁶, AA-QQ ⁶, RR ⁸, a ⁶, b ⁴, AAaa- -NNnn ⁶, OOoo ⁴.

[T. II], 1573, 1372 pp.

Assin.: [*] ⁶, A-K ⁶, L ⁸, aA-zZ ⁶, aAA-zZZ ⁶, aaAA-zzZZ ⁶, AAA-ZZZ ⁶, AAAa-MMMm ⁶, NNNn ⁸, OOoo-YYYY ⁶, ZZZz ⁴.

2°.

IV. 3. – *Edições piquianas quinhentistas na Livraria Humanística*
[LHITIPOR]

III – 01, 1557

OPERA OMNIA

Veneza [Venetiis] (apud Hieronymum Scotum).

1557. [MDLVII]. [18] + 162 pp.

Assin.: [*] ⁶, [**] ⁴, b-z ⁶, aa-dd ⁶.

2°.

LH - XVI-15.

III – 02, 1572-1573

OPERA OMNIA

Basileia [Basileae] (ex. off. Henricpetrina).

[T. I], 1572, 759 pp.

Assin.: [*] ⁸, a-f ⁶, g ⁴, a ⁶, A-Z ⁶, Aa-Zz ⁶, AA-QQ ⁶, RR ⁸, a ⁶, b ⁴, AAaa- -NNnn ⁶, OOoo ⁴.

[T. II], 1573, 1372 pp.

Assin.: [*] ⁶, A-K ⁶, L ⁸, aA-zZ ⁶, aAA-zZZ ⁶, aaAA-zzZZ ⁶, AAA-ZZZ ⁶, AAAa-MMMm ⁶, NNNn ⁸, OOoo-YYYY ⁶, ZZZz ⁴.

2°.

LH - XVI-3.

Óbidos, 1994 – 19 de Setembro de 1996, dia da morte do Prof. Dr. Eugenio Asensio, ante cuja memória nos curvamos respeitosamente.